

TITO
ÍNDICE

TITO

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Letter to Titus

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução às Cartas Paulinas****Introdução às Cartas Pastorais****Capítulo 1 Capítulo 2 Capítulo 3****PREFÁCIO A 1 TIMÓTEO, 2 TIMÓTEO, TITO E FILEMOM**

Devo começar este Prefácio como tive que fazê-lo com todos os desta série de livros, expressando minha sincera gratidão à Junta de Publicações da Igreja da Escócia por me permitir, em primeiro lugar, começar com esta série de estudos e logo continuar com elas. Faltam-me palavras para agradecer em especial ao Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., D.D., convocador da Junta, e ao Rev. A. McCosh, M.A., S.T.M., encarregado de publicações, por sua paciência e alento constantes.

Este volume tem como fim comentar a Primeira e Segunda Epístolas de Timóteo e a de Tito, que são conhecidas geralmente como *Epístolas Pastorais*, e a única carta pertencente à correspondência privada de Paulo que se encontrou, dirigida a Filemom.

As Epístolas Pastorais foram infelizmente menosprezadas pelos leitores comuns da Bíblia. Mas são de grande interesse, devido ao fato de que nenhuma outra Carta no Novo Testamento nos dá uma imagem tão vívida da Igreja em crescimento. Nelas vemos os problemas de uma Igreja que é uma pequena ilha de cristianismo num mar de paganismo; e também vemos, como em nenhum outro lugar, os primeiros começos de seu ministério. Estas Cartas são interessantes por si mesmas, e quanto mais as estudamos, mais atrativas são. Foram descritas como sub-apostólicas, falou-se delas como a segunda geração do cristianismo, ou até dizer que estão por debaixo do nível das Cartas escritas durante o emocionante começo da Igreja. Mas o fato é que justamente por terem

sido escritas quando a Igreja se estava convertendo numa instituição, falamos mais diretamente à nossa situação e condição.

As Epístolas Pastorais foram afortunadas em seus Comentários. Existem vários volumes de importância realizados sobre o texto em grego. O de Walter Lock em el *International Critical Commentary* é um monumento de erudição inteligente e sóbria. O escrito por Sir Robert Falconer é-o menos, mas muito iluminado e comprimido numa extensão menor. O recente Comentário de E. K. Simpson está escrito com energia e com um domínio do vocabulário grego helenista que lhe assegurará um lugar entre os grandes Comentários. O trabalho realizado por P. N. Harrison representa toda uma vida de dedicação, e nenhum é melhor se quer examinar a linguagem das Cartas. Com respeito ao texto em inglês não se pode desprezar o velho Comentário de A. E. Humphreys na Bíblia de Cambridge. O Comentário bastante recente de B. S. Easton é excelente, em especial no que respeita ao significado das palavras. O realizado por E. F. Brown no *Westminster Commentary* é um volume único. Tem-se dito sempre que as Epístolas Pastorais são as mais úteis para o missionário moderno, devido ao fato de que descrevem a mesma situação das Igrejas jovens de hoje. E. F. Brown foi por muitos anos missionário na Índia, e várias vezes refere-se a paralelos modernos muito interessantes e adaptados às situações das Pastorais. De todos estes Comentários é o mais útil para o pregador. O volume escrito por E. F. Scott no *Moffatt Commentary* é muito útil.

Para mim as Epístolas Pastorais foram, ao menos até certo ponto, uma nova descoberta. Trabalhar nelas foi uma experiência absorvente; e oro para que este livro faça algo por reviver naqueles que o leiam os problemas e heroísmo da Igreja primitiva.

Como já dissemos, Filemom é a única Carta pessoal de Paulo que ficou. Apesar de ser uma Carta muito breve, foi bendita em seus Comentários. Quase sempre a incluí em Comentários com Cartas mais longas. No caso de J. B. Lightfoot, ele a incluí com Colossenses. No *International Critical Commentary* está incluída com Filipenses, e é

escrita por M. R. Vincent. No *Moffatt Commentary* está incluída com Colossenses e Efésios, e o comentarista é E. F. Scott. No Novo Testamento Grego de Cambridge está incluída com o comentário de C. F. D. Moule de Colossenses. Em todos os casos o encanto e beleza desta Carta obteve o melhor de seus comentaristas.

A obra de E. J. Goodspeed baseado em Filemom é de uma importância especial, e a pode encontrar em seu *Introducción al Nuevo Testamento*. Suas conclusões foram estudadas e seguidas pelo C. L. Mitten. Também é importante *Philemon among the Letters of Paul*, por John Knox.

Tão curta como é, não há nenhuma outra Carta no Novo Testamento que como Filemom nos leve tão perto do coração de Paulo.

É minha esperança que por meio do estudo destas Cartas possamos obter uma nova visão da Igreja e uma nova perspectiva da mente e o coração de Paulo.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
maio de 1956.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro

tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita uma afirmação de Artimón, que compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo freqüentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação

dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas. Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. Logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem — três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho de Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente

Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve: "Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não pressentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS PASTORAIS

Cartas pessoais

1 e 2 Timóteo e Tito se consideraram sempre um grupo separado de Cartas, distintas das outras Epístolas de Paulo. A razão mais óbvia é que só elas, junto com a pequena Carta a Filemom, estão dirigidas a *pessoas*, enquanto que o resto das Cartas paulinas o estão a *Igrejas*. O Cânon Muratoriano, que foi a primeira preparada oficial dos livros do Novo Testamento, diz que foram escritas "como expressão do sentimento e afeto pessoal". São Cartas privadas mais que públicas.

Cartas eclesiásticas

Mas logo se começou a ver, que apesar de que à primeira vista são Cartas pessoais e privadas, têm um significado e uma importância que vão mais além da mera referência pessoal. Em 1 Timóteo 3:15 destaca-se o fim destas Cartas. São dirigidas a Timóteo para que "se eu tardar,

fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”. Estas Cartas foram escritas para assinalar a conduta própria daqueles que vivem na casa de Deus. De modo que, então, compreendeu-se que estas Cartas não só têm um significado pessoal, mas também têm o que se poderia chamar um significado *eclesiástico*. Assim, pois, o Cânon Muratoriano diz referindo-se a elas, que apesar de serem Cartas pessoais, escritas com afeto pessoal, "são ainda consideradas com respeito pela Igreja Católica, e na confecção da disciplina eclesiástica". Tertuliano disse que Paulo escreveu: "Duas cartas a Timóteo e uma a Tito, com *respeito ao estado da Igreja (de ecclesiastico statu)*". Não nos surpreende então que o primeiro nome que se lhes desse fora o de *Cartas Pontifícias*. Este tipo de cartas estão escritas pelo *pontifex*, o sacerdote, aquele que controla a Igreja.

Cartas pastorais

Mas pouco a pouco começaram a adquirir o nome pelo qual ainda são conhecidas — *As Epístolas Pastorais*. São Tomás de Aquino em 1274, escrevendo a respeito de 1 Timóteo disse: "Esta carta é como se fosse uma *regra pastoral* que o Apóstolo deu a Timóteo." Em sua Introdução à segunda Carta, escreve: "Na primeira Carta dá a Timóteo instruções sobre o ordem eclesiástica; na segunda refere-se ao *cuidado pastoral* que deve ser tão grande para estar dispostos a aceitar o martírio pelo cuidado do rebanho. Mas esta designação realmente se afirmou a partir do ano 1726, quando um grande erudito chamado Paul Anton deu uma série de conferências famosas a respeito delas, as quais chamou Epístolas Pastorais.

Estas Cartas, pois, referem-se ao cuidado e organização da Igreja e do rebanho de Deus; dizem aos homens como devem comportar-se na comunidade de Deus; instrui-lhes a respeito de como administrá-la,

como devem ser os líderes e pastores, e como enfrentar as ameaças que põem em perigo a pureza da fé e a vida cristãs.

A Igreja em crescimento

O interesse principal destas Cartas está em que nelas achamos um quadro da Igreja nascente como em nenhum outro lugar. Nessa época a Igreja era uma ilha num mar de paganismo. As mais perigosas infecções a ameaçavam por todos os lados. Seus integrantes estavam a um passo de sua origem e antecedentes pagãos. Teria sido muito fácil para eles escorregar e reincidir no estilo de vida pagão do qual provinham. Uma atmosfera poluente os rodeava. Algo muito interessante e significativo é que os missionários nos dizem que de todas as Cartas as Epístolas Pastorais falam mais diretamente à situação das Igrejas jovens. A situação que se expõe nestas Cartas se revalida diariamente na Índia, na África e na China. Estas Cartas não podem perder nunca seu interesse porque nelas vemos, como em nenhum outro lugar, os problemas que continuamente acossam a Igreja em crescimento.

Antecedentes eclesiásticos das Pastorais

Mas desde o princípio estas Cartas apresentaram problemas para os estudiosos do Novo Testamento. Muitos têm sentido que, tal como estão, não podem proceder diretamente da mão e da pena de Paulo. Este sentimento não é novo e pode comprovar do fato que Marcion, quem, apesar de ser herege, e ser primeiro em fazer uma lista dos livros do Novo Testamento, não as incluiu entre as Cartas de Paulo. Vejamos o que é o que faz duvidar de que provenham diretamente da mão de Paulo.

Nestas Cartas nos confrontamos com a imagem de uma Igreja que conta com uma organização eclesiástica bastante desenvolvida. Há *anciãos* (1 Timóteo 5:1, 17-19; Tito 1:5-7); há *bispos*, ou superintendentes ou supervisores (1 Timóteo 3:1-7; Tito 1:7-16); há

diáconos (1 Timóteo 3:8-13). Lendo 1 Timóteo 5:17-18 nos inteiramos de que nessa época os presbíteros eram funcionários assalariados. Os anciãos que dirigiam bem deviam ser tidos em conta para lhes pagar um salário dobrado, como teria que traduzir-se, e se insiste a Igreja a lembrar que todo trabalhador merece seu pagamento. Vê-se ao menos o começo da ordem das viúvas que chegou a ser tão importante mais adiante na Igreja primitiva (1 Timóteo 5:2-16). Existe claramente dentro da Igreja uma estrutura bastante elaborada, que para alguns é muito para pertencer aos primeiros tempos em que Paulo viveu e trabalhou. Pareceria como se a Igreja tivesse dado os primeiros passos para chegar a ser a instituição altamente organizada que foi mais tarde e que é hoje.

O período dos credos

Até diz-se que nestas Cartas podemos ver o surgimento do período dos credos. A palavra *fé* mudou seu significado. Nos primeiros tempos, nas Cartas mais importantes de Paulo, fé sempre quis dizer *fé numa pessoa*; é a união pessoal mais íntima possível em amor, confiança, obediência com relação a Jesus Cristo. Mais tarde se converteu *em fé num credo*; chegou a ser a aceitação de certas doutrinas. Diz-se que nas Epístolas Pastorais podemos ver o surgimento desta mudança. Mais adiante virão homens que se separarão da fé e darão lugar às doutrinas de *demônios* (1 Timóteo 4:1).

Um bom servo de Jesus Cristo deve alimentar-se com as palavras da *fé e da boa doutrina* (1 Timóteo 4:6). Os hereges são homens de mentes corruptas réprobas quanto à *fé* (2 Timóteo 3:8). A tarefa de Tito é a de repreender os homens para que sejam *sãos na fé* (Tito 1:13). Isto se nota especialmente numa expressão que é peculiar às Pastorais. Timóteo vê-se obrigado a reter "o bom depósito que habita em nós" (2 Timóteo 1:14). A palavra *paratheke* que é utilizada nesta passagem significa *depósito*, no sentido de um depósito que se confiou a um banqueiro ou a alguém para que o guarde. É algo que, característica e essencialmente,

foi confiado e que deve ser devolvido ou entregue absolutamente inalterado. O que quer dizer que se acentua a *ortodoxia*. Em lugar de ser uma relação próxima e pessoal com Jesus Cristo, como o era nos emocionantes e vibrantes dias da Igreja primitiva, a fé se converteu na aceitação de um credo ortodoxo. Ainda se sustenta que nas Pastorais nos encontramos com os ecos e fragmentos dos credos mais primitivos:

“Deus foi manifestado em corpo,
Justificado no Espírito,
Visto pelos anjos,
Pregado entre as nações,
Crido no mundo,
Recebido na glória.”
(1 Timóteo 3:16, NVI).

Isto indubitavelmente parece um fragmento de um credo para ser recitado e repetido.

“Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho” (2 Timóteo 2:8). Isto parece lembrar uma oração de um credo aceito.

Dentro das Pastorais indubitavelmente há indicações de que começaram os dias da insistência na ortodoxia e na aceitação de credos, e que começaram a murchar-se os dias da primeira emocionante descoberta pessoal de Cristo.

Uma heresia perigosa

É evidente que no primeiro plano da situação em que se escreveram as Pastorais havia uma perigosa heresia que estava ameaçando o bem-estar da Igreja cristã. Se podemos distinguir os distintos rasgos característicos dessa heresia, poderemos chegar a identificá-la.

Caracterizava-se por um *intelectualismo especulativo*. Questionava (1 Timóteo 1:4); os que estavam envolvidos deliravam a respeito de questões (1 Timóteo 6:4); tinha a ver com questões néscias e insensatas

(2 Timóteo 2:23); deviam-se evitar estas questões (Tito 3:9). A palavra que em todos os casos se usa para *questões* é *ekzetesis*, que significa *discussão especulativa*. Esta heresia era obviamente o campo dos jogos intelectuais, ou melhor dizendo, os pseudo-intelectuais da Igreja.

Outra característica era *a vaidade*. O herege é vaidoso, apesar de que na realidade não sabe nada (1 Timóteo 6:4). Existem indicações de que estes intelectuais se localizavam num plano acima dos cristãos comuns; na verdade, poderiam ter dito que a salvação total estava fora do alcance do homem comum e só aberta para eles. Há momentos em que as Epístolas Pastorais sublinham a palavra *todos* de uma maneira muito significativa. A graça de Deus, que traz salvação, manifestou-se a *todos* os homens (Tito 2:11). A vontade de Deus é que *todos* se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (1 Timóteo 2:4). Os intelectuais tratavam de que as maiores bênçãos do cristianismo fossem possessão exclusiva de uns poucos escolhidos; e, em contradição a essa exclusividade, a verdadeira fé dá ênfase ao amor de Deus que abrange tudo.

Dentro dessa heresia havia duas tendências opostas. Havia uma tendência ao *ascetismo*. Os hereges tentavam estabelecer leis especiais com respeito às comidas, esquecendo que tudo o que Deus criou é bom (1 Timóteo 4:4-5). Enumeravam muitas coisas que consideravam impuras, esquecendo-se de que para os puros todas as coisas são puras (Tito 1:15). Não é totalmente impossível que considerassem o sexo como algo sujo e que desprezassem o casamento, e até tentassem persuadir os que estavam casados a renunciarem a ele, porque em Tito 2:4 se afirma que os deveres singelos da vida conjugal estão vinculados ao cristão.

Mas também é evidente que esta heresia terminava na *imoralidade*. Os hereges até invadiam as casas e induziam a mulheres fracas e insensatas à concupiscência e aos desejos carnis (2 Timóteo 3:6). Caracterizavam-se pela luxúria (2 Timóteo 4:3). Professavam conhecer a Deus, mas eles próprios eram abomináveis (Tito 1:16). Estes hereges saíam para impor-se às pessoas, trabalhar para seu próprio proveito e

fazer dinheiro com seus falsos ensinamentos. Para eles, obter lucros tinha a ver com a piedade (1 Timóteo 6:5); e ensinavam e enganavam para conseguir um lucro sujo (Tito 1:11). Por um lado esta heresia dava lugar a um ascetismo que não era cristão e por outro, produzia uma imoralidade que tampouco o era.

Esta heresia estava caracterizada por *palavras, lendas e genealogias*. Estava cheia de conversas vãs e de argumentos inúteis (1 Timóteo 6:20). Produzia genealogias intermináveis (1 Timóteo 1:4; Tito 3:9). Também mitos e fábulas (1 Timóteo 1:4; Tito 1:14).

Em alguns aspectos e até certo ponto estava vinculada com o *legalismo judeu*. Entre seus devotos estavam os que pertenciam à circuncisão (Tito 1:10). A finalidade dos hereges era o ser mestre da Lei (1 Timóteo 1:7). Inculcavam às pessoas fábulas judias e mandamentos de homens (Tito 1:14).

Finalmente, estes hereges negavam *a ressurreição do corpo*. Diziam que qualquer ressurreição que o homem fosse experimentar já tinha sido efetuada com antecedência (2 Timóteo 2:18). Esta provavelmente seja uma referência aos que sustentavam que não existia a ressurreição do corpo, e que o cristão experimentava uma ressurreição espiritual na experiência do batismo, quando morria com Cristo e ressuscitava novamente com Ele (Romanos 6:4).

Os primórdios do gnosticismo

Existe então alguma heresia que abranja todo este material? Sim, e seu nome foi *gnosticismo*. Seu pensamento básico é que tudo é essencialmente mau e que só o espírito é bom. Esta crença tinha diversas conseqüências.

O gnóstico cria que a matéria é tão eterna como Deus; e que quando Deus criou o mundo, teve que utilizar essa matéria essencialmente má. Isto teve conseqüências muito importantes para o pensamento. Significava que para eles Deus não era nem podia ser o criador direto do

mundo. Para tocar essa matéria imperfeita tinha enviado uma série de emanções — que chamavam éons — cada vez mais afastadas do, até que no final obteve uma emanção ou éon tão distante que pôde manipular a matéria e criar o mundo. De modo que entre Deus e o homem se estendia uma escada e uma série de emanções. Cada uma delas tinha seu nome e sua genealogia. Assim, pois, o gnosticismo contava literalmente com intermináveis fábulas e genealogias. Se o homem queria chegar alguma vez a Deus tinha que subir por essa escada de emanções; e para obtê-lo necessitava um conhecimento especial que incluía toda classe de contra-senhas para poder passar cada degrau. Só uma pessoa de alto calibre intelectual podia ter esperança de adquirir esse conhecimento, conhecer as contra-senhas e chegar dessa maneira a Deus. A pessoa comum nunca podia escalar mais além dos degraus mais baixos do caminho em direção a Deus. Estava atada à Terra, e só o intelectual podia dominar essas especulações e adquirir o conhecimento e chegar a Deus.

O que é pior, se a matéria era má em sua totalidade, então o corpo também o era. Disso surgem duas possíveis conseqüências opostas. Ou o corpo deve ser combatido, submetido, desprezado, tido em menos, o que resultava num ascetismo rigoroso, no qual se eliminavam dentro do possível todas as necessidades corporais, e se destruíam no possível todos os instintos, em especial o instinto sexual; ou, se o corpo for totalmente mau, podia-se sustentar que não importava o que se fizesse com ele; portanto seus instintos, desejos e luxúria podiam fartar-se e saciar-se e libertar-se, porque o corpo não tinha importância. O gnóstico portanto, convertia-se ou num asceta, ou num homem para quem a moral deixava de ter significação.

E mais ainda, se o corpo for mau, então evidentemente não pode haver tal coisa como a ressurreição do corpo. Os gnósticos esperavam a destruição do corpo e não sua ressurreição.

É evidente que isto encaixa acertadamente na situação das Epístolas Pastorais. No gnosticismo vemos o intelectualismo, a soberba intelectual,

as fábulas e as genealogias, o ascetismo e a imoralidade, a negativa de contemplar a possibilidade de uma ressurreição corporal, que são todos elementos da heresia contra a qual foram escritas as Epístolas Pastorais.

Falta localizar um só elemento desta heresia: o judaísmo e o legalismo de que falam estas Cartas. Mas isso também encontrou seu lugar. Algumas vezes o gnosticismo e o judaísmo davam-se as mãos, e conformavam o que se poderia chamar uma aliança profana. Já assinalamos que os gnósticos insistiam em que para ascender a escada até Deus era preciso um conhecimento muito especial; e que alguns deles sustentavam que para levar uma boa vida era essencial um ascetismo estrito. Alguns judeus proclamavam que precisamente a Lei judia e suas normas sobre os mantimentos proviam esse conhecimento especial e esse necessário ascetismo; de modo que houve momentos em que o judaísmo e o gnosticismo iam de mãos dadas.

É evidente que a heresia que está no pano de fundo das Epístolas Pastorais é o gnosticismo. E há alguns que utilizaram este mesmo fato para tentar provar que Paulo não pôde havê-las escrito, porque, dizem, o gnosticismo não apareceu até muito mais tarde. É bem verdade que os grandes sistemas formais desta crença, conectados com nomes como Valentin e Basilides, não surgiram até o século II; mas estas grandes figuras só sistematizaram o que já existia. As idéias básicas estavam na atmosfera que rodeava a Igreja primitiva, já nos dias de Paulo. É fácil ver seu atrativo, e também é fácil ver que, se tivessem tido a oportunidade de florescer e desenvolver-se sem vigilância, poderiam ter transformado o cristianismo numa filosofia especulativa e destroçado a religião cristã. É fácil ver que ao enfrentar o gnosticismo a Igreja estava enfrentando um dos maiores perigos que ameaçaram a fé cristã.

A linguagem das Pastorais

Mas o argumento mais poderoso contra a origem paulina, vindo direto das Pastorais, é um fato que aparece muito claro na versão grega,

mas não nas traduções. O número total de palavras nelas é de 902, das quais 54 são nomes próprios; e destas 902 palavras não menos de 306 nunca aparecem em outras Cartas de Paulo. Isto seria 36 por cento, ou seja que mais de um terço de seu vocabulário está totalmente ausente do que aparece nas outras Cartas de Paulo. O que é pior, 175 palavras destas Epístolas não aparecem em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Por outro lado, é justo dizer que nas Epístolas Pastorais há 50 palavras que aparecem nas outras Cartas de Paulo, mas em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Além disso, é certo que quando as outras Cartas de Paulo e as Pastorais dizem a mesma coisa o fazem de diferente maneira, utilizando palavras e expressões distintas para expressar a mesma idéia.

Também muitas das palavras favoritas de Paulo estão ausentes por completo das Pastorais. A palavra *stauros* (cruz) e *stauroun* (crucificar) aparecem 27 vezes nas outras Cartas de Paulo, e nunca nas Pastorais. *Eleutheria* e as palavras afins que têm que ver com *liberdade* aparecem 29 vezes nas outras Cartas de Paulo, e nunca nas Pastorais. *Huios*, que significa *filho*, e *huiiothesia*, que significa *adoção*, aparecem 46 vezes nas outras Cartas e nunca nestas.

Mais ainda, o grego é um idioma que tem muitas pequenas palavras chamadas *partículas* e *enclíticas*. Algumas vezes indicam um tom de voz. Todas as orações gregas estão unidas à oração que as precede, e estas pequenas palavras intraduzíveis são as uniões. Dessas partículas, enclíticos, preposições e pronomes, aparecem 112 nas outras Cartas de Paulo, que as utiliza um total de 932 vezes, mas não aparecem nunca nas Pastorais.

Claramente aqui há algo que deve ser explicado. Devido à força do vocabulário e ao estilo, encontramos difícil crer que Paulo escreveu as Epístolas Pastorais no mesmo sentido em que escreveu suas outras Cartas.

A atividade de Paulo nas Pastorais

Mas talvez a dificuldade mais óbvia é que estas Cartas mostram a Paulo ocupado em atividades que não têm capacidade em sua vida tal como a conhecemos através do livro dos Atos. Claramente conduziu uma missão a Creta (Tito 1:5). E se propõe passar um inverno em Nicópolis que está no Epiro (Tito 3:12). É claro que na vida de Paulo tal como a conhecemos não há capacidade para esta missão e este inverno. Mas bem pode ser que justamente aqui tenhamos tropeçado com a solução do problema.

Libertou-se a Paulo de seu encarceramento em Roma?

Façamos uma pausa para resumir. Vimos que a organização da Igreja nas Pastorais é mais elaborada que em qualquer outra das Cartas de Paulo. Vimos que a ênfase na ortodoxia e em guardar o que se nos deu em custódia pareceria pertencer a uma segunda ou terceira geração de cristãos, quando a emoção da nova descoberta está desaparecendo, e quando a Igreja está a caminho de transformar-se numa instituição. Vemos que Paulo é descrito levando a cabo missões que não têm capacidade no esquema de sua vida que conhecemos através de *Atos*. Mas o estranho a respeito deste último livro é que deixa nas trevas tudo o que aconteceu a Paulo em Roma. Termina dizendo que Paulo viveu por dois anos numa espécie de semi-cativeiro pregando o evangelho abertamente e sem impedimento (Atos 28:30-31). Mas Atos não nos diz como terminou seu cativeiro, se terminou com a soltura de Paulo ou se foi condenado e executado. É certo que a crença geral é que terminou com sua morte, mas existe uma corrente de tradição, que não se pode desprezar, que nos diz que terminou com sua libertação que durou por dois ou três anos mais, voltando a ser encarcerado e executado finalmente em torno do ano 67 d.C.

Consideremos esta questão, porque é de grande interesse. Não poderemos chegar a uma resposta segura, mas ao menos podemos investigar — ainda que fiquemos com a incógnita.

Em primeiro lugar, é evidente que quando Paulo estava detento em Roma não considerava impossível sua soltura; em realidade pareceria como se a esperasse. Quando escreve aos filipenses do cárcere, diz-lhes que nesse momento envia a Timóteo, e logo continua: “E estou persuadido no Senhor de que também eu mesmo, brevemente, irei” (Filipenses 2:24). Quando escreveu a Filemom, enviando de volta o Onésimo, diz: “E, ao mesmo tempo, prepara-me também pousada, pois espero que, por vossas orações, vos serei restituído” (Filemom 22). Claramente Paulo estava preparado para ser libertado, quer o tenha sido quer não.

Em segundo lugar, lembremos um plano que Paulo tinha muito perto de seu coração. Antes de ir a Jerusalém na viagem em que foi detido, escreveu à Igreja de Roma, e nessa Carta estava planejando uma visita a Espanha. Escreve: “Quando em viagem para a Espanha, pois espero que, de passagem, estarei convosco...”, “...passando por vós, irei à Espanha” (Romanos 15:24,28). Nesse momento projetava visitar a Espanha e de passagem ir a Roma. Realizou alguma vez esta visita?

Clemente de Roma, quando escreveu à Igreja de Corinto em cerca do ano 90 d.C, disse que Paulo tinha pregado o evangelho no Este e no Oeste; que tinha instruído a todo mundo (o Império romano) na verdade; e que foi à extremidade (*terma*, o término) do Ocidente antes de seu martírio. O que quis dizer Clemente ao referir-se à *extremidade do Ocidente*? *Clemente escrevia de Roma*, e para qualquer pessoa nessa cidade a *extremidade do Ocidente* não podia ser mais que a Espanha. Certamente parece que Clemente cria que Paulo tinha chegado a Espanha.

O maior de todos os historiadores primitivos da Igreja foi Eusébio. Em seu relato da vida de Paulo escreve: "Lucas, que escreveu os Atos dos Apóstolos, terminou sua história dizendo que Paulo viveu dois anos

completos em Roma como prisioneiro, e que pregou a palavra de Deus sem impedimentos. Então, depois de ter feito sua defesa, diz-se que o apóstolo saiu mais uma vez em seu ministério da pregação, e que ao voltar para a mesma cidade pela segunda vez, sofreu o martírio" (Eusébio, *História Eclesiástica* 2,22.2). Não diz nada a respeito da Espanha, mas conhece a história dá que Paulo tinha sido libertado de seu primeiro encarceramento em Roma.

O Cânon Muratoriano, a primeira lista dos Livros do Novo Testamento, descreve o plano de Lucas ao escrever os Atos: "Lucas relatou o Teófilo fatos dos quais ele foi testemunha ocular, como também, num lugar à parte, evidentemente declara o martírio de Pedro (provavelmente se refira a Lucas 22:31-33); mas omite a viagem de Paulo de Roma a Espanha." Evidentemente o Cânon Muratoriano conhecia esta viagem do apóstolo.

No século V dois dos grandes pais do cristianismo afirmam a existência da viagem de Paulo a Espanha. Crisóstomo em seu sermão sobre 2 Timóteo 4:20 diz: "São Paulo depois de sua estada em Roma partiu rumo a Espanha." São Jerônimo em seu *Catálogo de escritores* diz que Paulo "foi despedido por Nero para que pregasse o evangelho de Cristo no Ocidente".

Sem dúvida alguma existe uma corrente da tradição que sustenta que Paulo viajou a Espanha.

Este é um assunto sobre o qual teremos que tomar nossa própria decisão. O que nos faz duvidar da historicidade da viagem de Paulo a Espanha é que nesse país não há nem existiu nunca, tradição alguma de que Paulo trabalhasse, e pregasse ali; não existem histórias a respeito dele, nem lugares que tenham que ver com o seu nome. Seria realmente estranho que se tivesse apagado totalmente a lembrança dessa visita. Bem pode ter sido que toda a história a respeito da soltura e da viagem de Paulo ao ocidente surgisse simplesmente como uma dedução da intenção expressa por Paulo de visitar a Espanha em Romanos 15. Em termos gerais pode-se afirmar que a maioria dos estudiosos do Novo

Testamento não pensam que Paulo tenha sido liberto da prisão; o consenso geral opina que a única coisa que livrou a Paulo do cárcere foi a morte.

Paulo e as Epístolas Pastorais

O que podemos dizer então a respeito da conexão de Paulo com estas Cartas? Se podemos aceitar a tradição da libertação de Paulo, e seu retorno à pregação e ao ensino, e de sua morte ao redor do ano 67 d.C., então poderemos crer que as Cartas tal como são provêm de sua mão. Mas, se não cremos nisso — e as evidências são em quase sua totalidade contrárias — diremos então que as Epístolas Pastorais não têm nada que ver com Paulo? Devemos lembrar que o mundo antigo não pensava nestas coisas da mesma maneira que nós. Não veria nada de mal em que se enviasse uma carta utilizando o nome de um grande mestre, se estava seguro de que a carta dizia as mesmas coisas que esse mestre teria dito sob as circunstâncias contemporâneas. Era algo natural e possível que um discípulo escrevesse no nome de seu mestre. Ninguém, nem no mundo nem dentro da Igreja, teria visto mal que diante de uma nova e ameaçadora situação um discípulo de Paulo a enfrentasse escrevendo em seu nome. Pensar que é algo falsificado é não compreender absolutamente a mentalidade do mundo antigo. Acaso vamos, então, ir completamente ao outro extremo e dizer que algum discípulo de Paulo enviou esta Carta em seu nome muitos anos depois de sua morte, e num momento em que a Igreja estava muito mais organizada que durante a vida de Paulo?

A nosso entender, isso é precisamente o que não podemos dizer. É bastante incrível que um discípulo pusesse na boca de Paulo a afirmação de ser o primeiro dos pecadores (1 Timóteo 1:15). A tendência de um discípulo seria dar ênfase à santidade de Paulo, e não falar a respeito de seus pecados. Também é bastante incrível que qualquer que escrevesse no nome de Paulo desse a Timóteo o conselho simples e cotidiano de

beber um pouco de vinho por causa de sua saúde (1 Timóteo 5:23). O texto de 2 Timóteo 4 é tão pessoal e tão cheio de detalhes íntimos e carinhosos, que ninguém a não ser Paulo pôde havê-lo escrito.

Onde está a solução então? Bem pode ter sucedido algo como o seguinte. É óbvio que muitas das Cartas de Paulo se perderam. Evidentemente, além de suas importantes Cartas públicas, Paulo deve ter tido uma contínua correspondência privada e dela só possuímos uma Carta, a pequena Epístola a Filemom. Só ela escapou à destruição que é o destino de toda correspondência privada. Agora, pode ter acontecido que em tempos posteriores alguns fragmentos da correspondência de Paulo estivesse em mãos de algum mestre cristão. Este viu que a Igreja de seus dias e de sua localidade de Éfeso estava ameaçada por todos os lados. Havia heresias tanto dentro como fora dela. Ameaçava-a a queda de seu alto nível de pureza e verdade. Estava-se degenerando a qualidade de seus membros e de seus funcionários. Este mestre tinha em sua posse pequenas Cartas de Paulo que diziam exatamente as coisas que deviam ser ditas, mas, tal como estavam, eram muito breves e fragmentárias para ser publicadas. De modo que tomou e amplificou, dando-lhes uma significação suprema para sua própria situação e as enviou à Igreja.

Nas Epístolas Pastorais ainda estamos ouvindo a voz de Paulo, e muitas vezes a ouvimos falar com uma intimidade pessoal única, mas pensamos que a forma das Cartas deve-se a um mestre cristão que evocou a ajuda e o espírito de Paulo quando a Igreja de seus dias necessitava a guia que só Paulo poderia ter-lhe dado.

Tito 1

[As causas do apostolado - 1:1-4](#)

[O evangelho de um apóstolo - 1:1-4 \(cont.\)](#)

[O propósito e o momento de Deus - 1:1-4 \(cont.\)](#)

[Um colaborador fiel - 1:1-4 \(cont.\)](#)

[O ancião da igreja - 1:5-7](#)

[O que o ancião não deve ser - 1:7](#)

O que o ancião deve ser - 1:8-9
Os falsos mestres de Creta - 1:10-11
Uma má reputação - 1:12
Os puros de coração - 1:13-16
A vida feia e inútil - 1:13-16 (cont.)

AS CAUSAS DO APOSTOLADO

Tito 1:1-4

Quando Paulo encarregava uma tarefa a um de seus colaboradores, sempre começava estabelecendo seu próprio direito a falar, assinalando mais uma vez os fundamentos do Evangelho. De modo que Paulo começa aqui dizendo certas coisas a respeito de seu próprio apostolado.

(1) Seu apostolado ele o situava numa *grande sucessão*. No próprio início Paulo se chama a si mesmo “servo (*doulos*) de Deus”. Era um título que misturava a humildade e o orgulho legítimo. Significava que Paulo era uma possessão indiscutida de Deus; que a vida de Paulo estava totalmente submetida a Deus. Mas há orgulho nisto também; porque este mesmo título, *servo de Deus, doulos deos*, era o título que se dava aos profetas e aos grandes do passado. Moisés era "servo de Deus" (Josué 1:2); e Josué, seu sucessor não poderia ter reclamado um título mais alto (Josué 24:29). Foi aos profetas, os servos de Deus, que Deus revelou toda sua vontade e intenções (Amos 3:7); foi a seus servos, os profetas, a quem Deus enviou repetidamente a Israel através de toda a história da nação (Jeremias 7:25).

O título *servo de Deus* dava a Paulo o direito de incorporar-se a uma grande sucessão. Quando alguém entra na Igreja, não o faz a uma instituição que começou ontem; a Igreja tem séculos de história humana atrás de si e vai mais além da eternidade na mente e intenção de Deus. Quando alguém toma sobre si mesmo a pregação, ou o ensino, ou o serviço da Igreja, não o faz entrando em uma obra sem tradição.

Caminha onde caminharam muitos santos. Estar dentro da Igreja de Deus é estar dentro de uma grande sucessão.

(2) Seu apostolado lhe dava uma *grande autoridade*. Era o enviado de Cristo. Paulo nunca pensou que sua autoridade provinha de sua própria inteligência e menos ainda de sua bondade moral. Ele falava na autoridade e com a autoridade de Cristo. Um enviado sempre leva sobre si uma autoridade delegada. A pessoa que prega o evangelho de Cristo ou ensina a verdade de Cristo, se estiver sua alma verdadeiramente dedicada, não fala sobre suas próprias opiniões, nem oferece suas próprias conclusões; vem com a mensagem de Cristo e com a palavra de Deus. O verdadeiro enviado de Cristo passou o momento dos *possivelmente*, dos *melhor dito* e dos *é possível*, e fala com o acento da segurança e da autoridade de alguém que sabe.

O EVANGELHO DE UM APÓSTOLO

Tito 1:1-4 (continuação)

O que é pior, nesta passagem vemos a essência do evangelho de um apóstolo, e o central da tarefa de um apóstolo.

(1) Toda a mensagem do apóstolo está baseado na *esperança da vida eterna*. A oferta cristã não é nada menos que !a de uma vida nova. Várias vezes a frase *vida eterna* se repete nas páginas do Novo Testamento. A palavra que se utiliza para *eterna* é *aionios*. Estrita e apropriadamente só há uma pessoa em todo o universo a qual lhe pode aplicar esta palavra corretamente, e essa pessoa é Deus. A oferta cristã não é nada mais que o oferecimento de compartilhar a vida de Deus. É o oferecimento do poder de Deus para nossa frustração, de sua serenidade para nosso desassossego, de sua verdade para nossos questionamentos, de sua bondade para nosso fracasso moral, de sua alegria para nossa tristeza. O evangelho cristão não oferece em primeiro lugar aos homens um credo intelectual nem um código moral; oferece-lhes vida, a própria vida de Deus.

(2) Para capacitar um homem a entrar nessa vida é preciso duas coisas. O dever do apóstolo é despertar a *fé* nos homens. Com Paulo, a fé sempre significa uma coisa — a confiança total e absoluta em Deus. O primeiro na vida cristã é nos dar conta de que não podemos fazer nada mais que receber. Em todas as esferas da vida, não importa quão grande e apreciado seja o oferecimento, permanecerá inoperante até que o receba. O primeiro dever de um cristão é persuadir a outros a aceitar o oferecimento de Deus. Em última instância, nunca aproximaremos uma pessoa ao cristianismo por meio da discussão. Tudo o que podemos dizer é: "Prova e vê!"

(3) Mas, em segundo lugar, o dever de um apóstolo é equipar outros com *conhecimento*. A evangelização e a educação cristãs devem ir da mão. O pregador e o mestre cristãos devem ser uma e a mesma pessoa. A fé pode começar como uma resposta do coração, mas deve continuar até ser uma possessão da mente. O evangelho cristão deve ser pensado para esgotar-se. Nenhuma pessoa pode viver para sempre na crista de uma onda emocional. A vida cristã deve ser uma maneira cotidiana de amar mais e compreender melhor a Cristo.

(4) O resultado da fé e o conhecimento deve ser uma *vida verdadeiramente religiosa*. A fé deve sempre dar vida. O conhecimento cristão não é meramente intelectual; é conhecer *como viver*. Muitas pessoas foram grandes eruditos e seus ombros se dobraram sob o peso das distinções acadêmicas, mas foram completamente ineficazes para as coisas comuns da vida e fracassos totais em suas relações pessoais. Uma vida verdadeiramente religiosa é aquela em que a pessoa está numa relação correta com Deus, consigo mesmo e com seus semelhantes. É uma vida em que a pessoa pode confrontar tanto os grandes momentos como as tarefas cotidianas. É uma vida em que Jesus vive novamente.

O dever de um cristão é oferecer aos homens a mesma vida do próprio Deus; despertar a fé nos corações e de aprofundar o conhecimento em suas mentes; capacitar os homens a viver de tal

maneira que outros vejam o reflexo do Mestre é seu andar e conversação cotidianos.

O PROPÓSITO E O MOMENTO DE DEUS

Tito 1:1-4 (continuação)

Esta passagem nos fala do propósito e o plano de Deus para o homem, e sua maneira de agir para seu lucro.

(1) O propósito de Deus para o homem foi sempre a salvação. Sua promessa de vida eterna existia antes que o mundo começasse. É muito importante notar que nesta passagem Paulo aplica a palavra *Salvador* tanto a Cristo como a Deus. Às vezes escutamos o evangelho de tal maneira que pareceria haver uma diferença entre o amável, amante e bom Jesus e o duro, sério e severo Deus. Às vezes até pareceria que existiu um contraste entre Jesus, aquele que ama as almas dos homens, e Deus, o juiz dos homens. Às vezes pareceria que Jesus fez algo para mudar a atitude de Deus para com os homens, persuadindo-o a deixar de lado sua ira e não castigá-los. Não há justificação para isto no Novo Testamento. Atrás de todo o processo de salvação está o amor eterno e imutável de Deus, e Jesus deveu falar aos homens a respeito desse amor. Deus é caracteristicamente o Deus Salvador, o Deus cujo último desejo é o de condenar os homens, e cujo primeiro desejo é salvá-los. Deus é o Pai que deseja apenas que seus filhos retornem ao lar, não para destruí-los, senão para abraçá-los contra seu peito.

(2) Mas esta passagem faz algo mais que falar do propósito eterno de Deus; também fala do método de Deus. Diz-nos que Deus enviou sua mensagem no seu devido tempo. Isso significa que toda a história estava preparando-se para a vinda de Jesus. Não podemos ensinar nenhum conhecimento a ninguém até que esteja preparado para recebê-lo. Qualquer que tenha que aprender deve atravessar os níveis mais baixos do conhecimento antes de chegar aos mais altos. Em todo o

conhecimento humano devemos começar do princípio. De modo que os homens deviam estar preparados para a chegada de Jesus.

Toda a história do Antigo Testamento, todas as buscas e investigações dos filósofos gregos, eram formas de preparar-se para a chegada de Jesus. O Espírito de Deus se estava movendo tanto entre os judeus, o povo eleito, como entre outros, para que estivessem preparados para receber a seu Filho quando chegasse. O ensino dos profetas, a busca intelectual da verdade, por homens de todas as nações, era um processo divinamente inspirado que tinha como fim culminar na vinda de Jesus com a verdade perfeita de Deus para os homens. Assim como um menino é guiado durante sua escolaridade de nível em nível, assim o mundo foi educado para receber a verdade de Deus em seu Filho, quando Cristo viesse. Devemos considerar a toda a história como a educação dos homens por Deus.

(3) Mais ainda, o cristianismo veio a este mundo num momento em que era possível de maneira única que se espalhasse a mensagem. É uma simples verdade assinalar que nunca houve um momento na história em que fosse mais fácil para uma mensagem espalhar-se através de toda a Europa. Havia cinco elementos na situação mundial que facilitavam que o cristianismo se espalhasse.

(a) Virtualmente todo mundo falava grego. Isto não quer dizer que as nações tivessem esquecido seus idiomas próprios mas quase todos os homens falavam em grego tão bem como em seu próprio idioma. O grego era o idioma do comércio, das transações, da literatura. Se uma pessoa queria tomar parte na vida e na atividade públicas devia saber grego. Todos eram bilíngües. O mundo antigo utilizava seu próprio idioma para seus assuntos privados e o grego para suas atividades públicas. A primeira era do cristianismo foi uma das poucas na história em que um missionário não tinha nenhum problema idiomático que solucionar.

(b) Não havia fronteiras, pelo menos na prática. O Império Romano se estendia até os limites do mundo conhecido. O viajante estava dentro

desse Império, não importa a que lugar se dirigisse. Atualmente, se uma pessoa tentasse cruzar a Europa, necessitaria um passaporte, senão seria detida nas fronteiras. Mas na primeira era do cristianismo um missionário podia mover-se sem problemas de um limite a outro do mundo conhecido.

(c) Era comparativamente fácil viajar. Na verdade, a maior parte dos viagens se faziam a pé, com a bagagem carregada sobre animais lentos. Mas os romanos tinham construído grandes caminhos de país a país e de continente a continente; tinham, em grande parte, limpadado a terra de ladrões e o mar de piratas, e viajar era muito mais fácil que nunca antes.

(d) A primeira hora do cristianismo foi uma das poucas nas quais o mundo esteve principalmente em paz. Se tivesse havido guerras na Europa, teria resultado impossível que um missionário viajasse. Mas a *pax romana*, a paz romana, dominava; e o viajante podia mover-se dentro do Império, seguro e tranqüilo.

(e) Era um mundo consciente de suas necessidades. As velhas crenças e religiões tinham fracassado; as novas filosofias estavam mais além do alcance da mente do povo comum. Os homens olhavam, como disse Sêneca, *ad salutem*, rumo à salvação. Eram cada vez mais conscientes de "sua fraqueza nas coisas necessárias". Buscavam "uma mão que os ajudasse a levantar-se". Buscavam "uma paz, não a proclamada por César, mas a de Deus". Nunca houve um momento em que os corações dos homens estivessem mais dispostos a receber a mensagem da salvação que traziam os missionários cristãos.

Não foi acidental que o cristianismo aparecesse quando o fez. Veio no devido tempo de Deus. Toda a história tinha sido uma preparação e uma educação para ele; e as circunstâncias do momento eram tais que o caminho estava aberto para que a notícia se espalhasse.

UM COLABORADOR FIEL**Tito 1:1-4 (continuação)**

Não sabemos muito a respeito de Tito, a quem esta Carta se dirige, mas por diversas referências a ele, surge a descrição de um dos ajudantes mais valiosos e em quem Paulo mais confiava. Paulo o chama "verdadeiro filho", de modo que é muito provável que Paulo mesmo o tenha convertido, possivelmente em Icônio.

Tito foi o acompanhante de uma época difícil e má. Quando Paulo visitou Jerusalém, uma Igreja que suspeitava dele e que estava preparada para desconfiar dele e ter aversão dele, foi Tito a quem levou com ele, junto a Barnabé (Gálatas 2:1). Um dos amigos de Dundas, o famoso escocês, disse a respeito dele: "Dundas não é um orador; mas sairá para acompanhar você no pior dos tempos". Tito era assim. Quando Paulo devia enfrentar algo, Tito estava a seu lado.

Tito era o homem para qualquer tarefa dura. Quando o problema em Corinto tinha chegado a seu clímax, Paulo enviou Tito a esta Igreja com uma das Cartas mais severas que escreveu (2 Coríntios 8:16). Tito claramente tinha a fortaleza mental e a dureza de fibra que lhe permitia enfrentar e dirigir uma situação difícil. Há dois tipos de pessoas: as que podem fazer com que uma situação má piore, e as que conseguem fazer ordem do caos e paz da contenda. Tito era a pessoa para ser enviada a um lugar onde houvesse problemas.

Tito tinha o dom da administração prática. Paulo o escolheu para organizar a coleta para os membros pobres da Igreja de Jerusalém (2 Coríntios 8:6, 10). É claro que Tito não tinha o dom da oratória, mas era um homem para a administração de tarefas práticas. A Igreja deveria agradecer a Deus pela gente a qual recorreremos quando queremos que se faça bem um trabalho.

Paulo chama Tito com certos grandes nomes.

Chama-o seu *verdadeiro filho*. Isso deve significar que Paulo o tinha convertido, era seu filho na fé (Tito 1:4). Nada neste mundo dá

mais prazer a um pregador e a um mestre que ver alguém a quem ele ensinou e capacitou, convertendo-se numa pessoa útil dentro da Igreja. Tito era o filho que trazia alegria ao coração de Paulo, seu pai na fé.

Chama-o seu *irmão* (2 Coríntios 2:13) e *companheiro e colaborador* (2 Coríntios 8:23) O grande dia para um pregador ou um mestre é aquele em que seu filho na fé se converte em seu irmão na fé, quando aquele que ensinou, treinado e nutrido está capacitado para tomar seu lugar no trabalho da Igreja, não já como um menor mas sim como um igual.

Diz que Tito procedia *com o mesmo espírito* (2 Coríntios 12:18). Paulo sabia que Tito consideraria as coisas da mesma maneira que ele o teria feito. Feliz é o homem que tem um lugar-tenente a quem pode confiar sua tarefa, seguro de que estará feita da mesma maneira em que ele teria gostado de fazê-la.

Paulo dá a Tito uma grande missão. Envia-o a Creta para ser exemplo para os cristãos que ali havia (Tito 2:7). O maior elogio que Paulo outorgou a Tito foi o de enviá-lo a Creta, não a *falar* a respeito do que deveria ser um cristão, mas sim a *mostrá-lo*. Não poderia haver uma responsabilidade nem um carinho maior que esse.

Foi feita uma sugestão muito interessante. 2 Coríntios 8:18 e 2 Coríntios 12:18 diz que quando Tito foi enviado a Corinto outro irmão o acompanhou. Na passagem anterior esse irmão é descrito como ao "irmão que todas as Igrejas elogiam". Identifica-se usualmente a esse irmão com Lucas; e sugeriu-se que Tito era o irmão de Lucas. É um fato estranho que nunca se mencione a Tito em *Atos*; mas sabemos que Lucas escreveu *Atos*, e que muitas vezes relata a história na primeira pessoa do plural: "Fizemos isto", ou "Fizemos aquilo, e sugeriu-se que nestas passagens inclui a Tito. Não podemos dizer como certo se tal sugestão é correta, mas certamente Tito e Lucas se parecem no fato de que ambos eram homens para o serviço prático.

Na Igreja Ocidental Tito é lembrado em 4 de janeiro, e na Oriental em 25 de agosto.

O ANCIÃO DA IGREJA

Tito 1:5-7

Já estudamos em detalhe as qualidades de um ancião tal como estão apresentadas por Paulo em 1 Timóteo 3:1-7. Portanto, não é necessário que as examinemos em detalhe novamente.

Paulo tinha tido sempre o costume de ordenar anciãos nem bem se fundava uma igreja (Atos 14:23). Creta era uma ilha em que havia muitas cidades. Homero a chamava "Creta das cem cidades". A Igreja cristã necessita uma organização e líderes. Paulo tinha o princípio de que se devia alentar e treinar a suas pequenas igrejas para que pudessem serem suficientes a si mesmos o antes possível.

Nesta lista esta lista repetida das qualidades de um ancião, acentua-se especialmente uma coisa. O ancião deve ser uma pessoa que tenha ensinado e treinado a sua própria família na fé. O Concílio de Cartago estabeleceu mais tarde: "Os bispos, os anciãos e os diáconos não serão ordenados em suas funções antes de ter feito com que todos os de sua casa sejam membros da Igreja". O cristianismo começa em casa. Não há virtude no homem nem na mulher que por estar tão ocupados na tarefa pública descuidam seu próprio lar. Todo o serviço da igreja no mundo não compensará a negligência na própria família.

Paulo utiliza uma palavra muito vívida. A família de um ancião deverá ser tal que não se a possa acusar de *dissolução*. A palavra grega é *asotia*. O homem *asotos* é aquele incapaz de economizar; é o homem gastador e extravagante, que dedica seu caudal aos prazeres pessoais. É a palavra utilizada em Lucas 15:13 para referir-se à vida desenfreada do filho pródigo. O homem que é *asotos* destrói sua riqueza e finalmente se arruína a si mesmo. Aristóteles, o maior dos mestres de ética da Grécia, sempre descreveu uma virtude como o meio entre dois extremos; a virtude para ele era sempre o feliz termo médio. Por um lado está a avareza, e por outro a *asotia*, a extravagância esbanjadora e egoísta. A

casa de um ancião nunca deve ser culpada de dar mau exemplo de esbanjamento descuido e pródigo nos prazeres pessoais.

Ainda mais, a família de um ancião não deve ser *rebelde*. Nada pode compensar a falta de controle paterno. A criação dos filhos, em última instância, está nas mãos do pai, e não há substitutos para a formação que só um pai pode dar. Falconer cita um dito a respeito da casa de Tomé Mouro: "Controla a sua família com facilidade: sem tragédias, sem discussões. Se for iniciada uma disputa, resolve-a em seguida. Toda sua casa respira felicidade, e tudo aquele que entra nela os encontra na melhor disposição de receber seu visita." O verdadeiro campo de formação para o ancião está tanto no lar como na Igreja.

O QUE O ANCIÃO NÃO DEVE SER

Tito 1:7

Este é um resumo das qualidades que não deve possuir um ancião da Igreja; sua vida deverá estar livre delas. Cada uma das palavras utilizadas aqui é muito descritiva. Consideremos uma a uma.

(1) Não deve ser *soberbo*. A palavra grega é *authades*, que significa literalmente *sentir prazer em si mesmo*. O homem *authades* foi descrito como alguém que está tão contente consigo mesmo que não se agrada de ninguém, nem se preocupa com agradar a ninguém. R. C. Trench diz que tal pessoa: "Obstinadamente defende sua própria opinião, ou afirma seus próprios direitos, enquanto descuida os direitos, as opiniões e os interesses dos demais."

Os escritores de ética gregos tinham muito a dizer a respeito desta falta de *authadeia*. Aristóteles, que definiu sempre a virtude como o termo médio entre os extremos, pôs num extremo o homem que agrada a todos (*areskos*) e no outro aquele que não agrada a ninguém (*authades*), e entre ambos o homem que tem na vida uma dignidade verdadeira e própria (*semmos*). Disse do *authades* que é a pessoa que não conversa nem se relaciona com ninguém. Eudemo disse que o *authades* era a

pessoa que "não regula sua vida com respeito a outros, mas sim despreza". Eurípides disse que o *authades* era brusco com seus concidadãos porque discriminava segundo a cultura. Filodemo disse que sua personalidade estava composta por partes iguais de presunção, arrogância e desprezo. Sua presunção o fazia pensar muito de si mesmo, seu desprezo o fazia pensar que outros eram pouca coisa; e sua arrogância o fazia agir baseando-se em sua estimativa de si mesmo e não dos demais.

Claramente a pessoa *authades* é desagradável. É uma pessoa intolerante, que condena tudo o que não pode compreender, que pensa que não há outra forma de fazer as coisas que não seja a sua, que crê que não existe outro caminho ao céu que não seja o seu, que descuida os sentimentos dos demais e despreza as crenças dos outros. Tal qualidade, como disse Lock: "É fatal para os homens livres." Nenhum homem cujo caráter seja depreciativo, arrogante e intolerante está capacitado para ser funcionário da Igreja.

(2) Não deve ser *iracundo*. A palavra grega é *orgilos*. Há duas palavras gregas que significam irritação. Uma é *thumos*, que vem de uma raiz que significa *ferver*. *Thumos* é a irritação que estala rapidamente, e se calma da mesma maneira, como o fogo na palha. Está *orge*, que é substantivo conectado com o adjetivo *orgilos*. *Orge* significa irritação crônica. Não é a irritação repentina, mas sim a ira que se alimenta para mantê-la desperta. Um raptó de irritação é algo desventurado; mas esta ira de longa vida, alimentada deliberadamente e mantida a propósito é ainda pior. O homem que nutre dentro de seu coração uma ira de longa vida contra outros não está preparado para ser funcionário da Igreja.

(3) Não deve ser *dado ao vinho*. A palavra em grego é *paroinos*, que significa literalmente *ser indulgente com o vinho*. Mas a palavra ampliou seu significado até que chegou a descrever toda conduta ultrajante. Os judeus, por exemplo, utilizavam-na para referir-se à conduta dos judeus que se tinham casado com mulheres midianitas; os

cristãos para referir-se àqueles que tinham crucificado a Cristo. A palavra descreve o caráter do homem que, até em seus momentos sóbrios age com a falta de autocontrole e a atrocidade de um homem bêbado.

(4) Não deve ser *espancador*. A palavra é *plektes*, que significa literalmente *espancador*. Pareceria que na Igreja primitiva havia bispos muito ciumentos que corrigiam os membros que se desviavam do rebanho, com violência física, porque o *Cânion Apostólico* estabelecia: "Ordenamos que se deponha o bispo que espanca um crente que tenha errado." Pelágio diz: "Não se pode espancar aquele que seja discípulo de Cristo, quem, ao ser golpeado, não respondeu com nenhum golpe." Os gregos mesmos ampliaram o significado desta palavra para incluir, não só a violência na ação, mas também a violência na palavra. A palavra chegou a referir-se a uma pessoa que *intimida* os seus semelhantes, e esta bem poderia ser a tradução em nossa passagem. O homem que abandona o amor e recorre à violência na ação ou na palavra não está preparado para ser um funcionário da Igreja cristã.

(5) Não deve ser *ambicioso de lucros desonestos*. A palavra é *aischorokerdés*, e descreve a pessoa que não se preocupa dos meios que usa para ganhar dinheiro, enquanto o faça. Acontece que os cretenses eram famosos por esta falta. Polibio disse: "São tão dados a obter lucros desonestos que entre os cretenses não se considera desonesto nenhum tipo de lucro." Plutarco disse referindo-se a eles que se apegavam ao dinheiro como as abelhas ao mel. Os cretenses consideravam os lucros materiais como muito mais importantes que a honestidade e a honra; não lhes importava quanto lhes havia custado seu dinheiro. O cristão sabe que há coisas que custam muito. O homem cujo único fim na vida é acumular bens materiais, deixando de lado como o faz, não está preparado para ser funcionário da Igreja cristã.

O QUE O ANCIÃO DEVE SER

Tito 1:8-9

A passagem anterior estabelece as coisas que um ancião da Igreja não deve ser, e esta passagem estabelece o que deve ser. Estas qualidades necessárias se agrupam em três seções.

(1) Em primeiro lugar, estão as qualidades que um ancião da Igreja deve mostrar perante *outras pessoas*. Deve ser *hospedador*. Em grego a palavra é *philoxenos*, que significa literalmente *amante das pessoas estranhas*. No mundo antigo havia sempre muita gente que viajava. As pousadas antigas eram famosas por serem caras, sujas e imorais. Era essencial que o cristão que viajava encontrasse uma porta aberta nos lares da comunidade cristã. Até o dia de hoje não há ninguém que necessite mais da fraternidade cristã que o estranho num lugar desconhecido. A segunda palavra que se utiliza é *philagathos*, que significa *amante das coisas boas, ou da gente boa, e que Aristóteles utiliza no sentido de altruísta ou seja, amante das boas ações*. Não temos que escolher entre estes três significados, estão todos incluídos nesta palavra. O funcionário cristão deve ser uma pessoa cujo coração responda ao bem que há em toda pessoa, em qualquer lugar e em qualquer ação em que a encontre.

(2) Em segundo lugar, vem um grupo de termos que nos assinalam as qualidades que o funcionário cristão deve ter *dentro de si mesmo*. Deve ser *sóbrio (sophron)*. Eurípides chama esta qualidade "o melhor dom que os deuses deram aos homens". Sócrates a chama "a pedra basal da virtude". Xenofonte diz que era o espírito que evitava o mal, não só quando o mal podia ser visto, mas também quando ninguém o podia perceber. Trench a define como "o domínio completo sobre as paixões e os desejos, de modo que não lhes seja permitido ir além do que a lei e a razão correta admitiam e passavam". É o adjetivo que se aplica à pessoa, como diziam os próprios gregos: "cujos pensamentos salvam". O funcionário cristão deve ser uma pessoa que utilize e controle

sabiamente cada instinto e cada paixão de seu ser. Deve ser *dikaios*, que significa *justo*. Os gregos definiam o homem justo como aquele que dá aos homens e aos deuses o que lhes corresponde. O funcionário cristão deve ser tal que outorgue aos homens o respeito e a Deus a reverência que lhes corresponde. Deve ser *santo* (*hosios*). A palavra grega é difícil de traduzir, porque descreve o homem que reverencia a decência fundamental da vida, as coisas que vão além de qualquer lei ou norma feita pelo homem. Deve ser *dono de si mesmo*. A palavra grega é *egkrates*, que descreve a pessoa que obteve o completo autocontrole. Qualquer pessoa que sirva a outros deve, em primeiro lugar, dominar-se a si mesmo.

(3) Finalmente, há uma descrição das qualidades do funcionário cristão *dentro da Igreja*. Deve poder *exortar* os membros da Igreja. A marinha inglesa tem um regulamento que diz que nenhum oficial falará com desalento a nenhum outro oficial enquanto leva a cabo suas tarefas. Sempre há algo equivocado na religião, pregação ou ensino que tem o efeito de desalentar a outros. A função do verdadeiro mestre e pregador cristão não é a de levar o homem ao desespero mas sim a de alentá-lo na esperança. Deve poder *convencer* os que se opõem à fé. A palavra grega é *elegchein* e tem muito significado. Quer dizer lhe responder a uma pessoa de tal maneira que se veja obrigada a ver e admitir seus erros.

Trench diz que significa: "Repreender a outra pessoa, com um desdobramento tão efetivo das armas vitoriosas da verdade, que o leve sempre à confissão de fé, ao menos à convicção de seu pecado." Demóstenes disse que descreveria a situação em que uma pessoa demonstra a verdade irrefutável das coisas que disse. Aristóteles disse que significa provar que as coisas não podem ser de outra maneira a que se assinalou. A resposta cristã significa muito mais que desafiar. Significa muito mais que jogar numa pessoa palavras irritantes e condenatórias. Significa falar a ela de tal maneira que veja o erro de seu caminho e aceite a verdade. O fim da reprimenda cristã não é a de

humilhar mas sim a de permitir que a pessoa veja, reconheça e admita o dever e a verdade às quais foi cego ou desobediente.

OS FALSOS MESTRES DE CRETA

Tito 1:10-11

Aqui temos uma descrição dos falsos mestres que estavam causando problemas em Creta. Os piores eram aparentemente judeus. Estes judeus tentavam persuadir os conversos cretenses de duas coisas. Uma era a idéia de que a simples história de Jesus e a Cruz não era suficiente, mas sim para ser realmente sábios necessitavam todas as histórias sutis, e as longas genealogias, e as alegorias elaboradas dos rabinos. O que é pior, ensinavam-lhes que a graça não é suficiente, mas sim para ser realmente bons teriam que ter em conta todas as normas e regulamentos a respeito das comidas e as lavagens que eram tão características no judaísmo. O perigo destes falsos mestres era que buscavam persuadir os homens, dizendo que necessitavam algo mais que Cristo e a graça para ser salvos. Eram intelectuais para aqueles que a verdade de Deus era muito simples e muito boa para ser certa.

As características destes falsos mestres se mencionam uma por uma.

Eram *contumazes*; eram soldados infiéis que não queriam obedecer as ordens. Não queriam aceitar a guia da Igreja; não queriam aceitar seu credo; não queriam aceitar o controle da Igreja. É perfeitamente certo que a Igreja não busca impor sobre os homens uma uniformidade de crenças, nem pede aos homens que abandonem suas próprias mentes e deixem que a Igreja pense por eles; mas há certas coisas em que a pessoa deve crer para ser cristão, e o maior destas é a suficiência de Cristo. Quando alguém questiona isto, deve ser silenciado na Igreja. Até dentro da Igreja Protestante não se eliminou a disciplina.

Eram *faladores de vaidades*; a palavra é *mataiologoi*, e o adjetivo *mataios*, *vão*, *vazio*, *inútil*, era aplicado à adoração pagã. A idéia

principal é que se refere a um tipo de adoração que não produz o bem na vida. Esta gente em Creta falava muito, mas toda sua conversa era ineficaz para levar alguém mais um passo perto da bondade. Os cínicos estavam acostumados a dizer que todo o conhecimento que não podia ser aproveitado pela virtude era vazio e vão. O mestre que simplesmente provê a seus alunos de um fórum para o prazer intelectual e a discussão especulativa ensina em vão.

Eram *enganosos*. Em lugar de levar os homens à verdade, afastavam-nos dela. Em lugar de afirmar as pessoas na fé, lentamente as desgastavam.

Seu ensino *trastornava casas inteiras*. Há duas coisas que devemos notar aqui. Em primeiro lugar, seu ensino era fundamentalmente trastornador. É certo que a verdade deve muitas vezes fazer com que se reconsiderem idéias aceitas. É certo que o cristianismo não escapa às dúvidas e às perguntas, mas sim as enfrenta de maneira justa. É certo que a verdade muitas vezes sacode o homem mentalmente; mas também é certo que o ensino que termina em nada mais que dúvida e questionamentos é um mau ensino. No verdadeiro ensino, da confusão mental deveria surgir no final uma segurança nova e maior. Em segundo lugar, *trastornavam casas inteiras*. Isto quer dizer que tinham uma má influência sobre a vida familiar. Qualquer ensino que tenda a desbaratar a família é falsa. A Igreja cristã está edificada sobre a base da família cristã.

Seu ensino tinha como fim o *lucro*. Importava-lhes mais o que obteriam das pessoas a quem ensinavam que o que podiam semear nelas. Parry disse que esta é sem dúvida a tentação que espreita o mestre profissional. Quando um mestre ou um pregador considera sua função como uma forma de obter progresso e lucro pessoais, encontra-se numa condição perigosa.

Devemos notar nesta passagem um ponto final. A estes homens é preciso *fazê-los calar*. Isto não implica que os deve silenciar pela violência ou a perseguição. A palavra grega utilizada (*epistomizein*)

significa *tampar a boca*, mas converteu-se na palavra corrente para dizer *silenciar uma pessoa com a razão*. A maneira de combater o ensino falso é oferecer o verdadeiro e único ensino irrefutável de uma vida cristã.

UMA MÁ REPUTAÇÃO

Tito 1:12

Ninguém tinha uma reputação pior no mundo antigo que os cretenses. Os povos de pior fama no mundo antigo eram os cretenses, os silicianos e os capadócios. Os cretenses eram famosos como bêbados, insolentes, mentirosos, indignos de confiança alguma e glutões.

Sua avareza era proverbial. Políbio disse: "Os cretenses devido a sua avareza inata, vivem num estado perpétuo de disputa privada, contenda pública e luta civil... e em poucos lugares se encontrarão pessoas mais enganosas e falsas que os cretenses." Escreve a respeito deles: "O dinheiro é tão valorado entre eles, que não só se pensa que é necessário possuí-lo, mas sim é altamente recomendado fazê-lo; e em realidade a cobiça e a avareza são tão nativas em Creta, que são os únicos no mundo entre os que todas as afrontas têm que ver com lucros."

Políbio nos fala a respeito de um certo pacto que um traidor chamado Bolis fez com um dirigente chamado Cambilo, que era também cretense. Bolis aproximou-se de Cambilo "com toda a sutileza de um cretense". "Este foi então o tema da discussão entre eles, num verdadeiro espírito cretense. Nunca tomaram em consideração salvar à pessoa em perigo, nem suas obrigações de honra para com aqueles que lhes tinham confiado a empresa, mas sim confinaram a discussão totalmente a questões de sua própria segurança e de sua própria vantagem. Como ambos eram cretenses não demoraram muito em chegar a um acordo unânime." O desprezo do historiador grego por estes cretenses se respira através de toda a passagem.

Tão famosos eram os cretenses que os gregos chegaram a criar um verbo *kretizein*, *ser cretino*, que significava *mentir e enganar*; e tinham

um provérbio: *kretizein pros Kreta*, ser cretino contra Creta, que significava *contrapor mentira a mentira*, assim como um diamante corta a outro.

A citação que faz Paulo é em realidade do poeta grego chamado Epimênides. Viveu cerca do ano 600 a.C. e foi considerado como um dos sete sábios da Grécia. A primeira frase: "Os cretenses são sempre mentirosos", ficou famosa por meio de outro e igualmente famoso poeta chamado Calímaco. Em Creta havia um monumento que se chamava *A Tumba de Zeus*. Obviamente o maior dos deuses não podia morrer e ser enterrado numa tumba, e Calímaco citou isto como um exemplo perfeito da mentira cretense. Os cretenses eram famosos por serem mentirosos, enganadores, glutões e traidores.

Aqui precisamente está o ponto bonito. Sabendo isto, e havendo-o experimentado, Paulo não diz a Timóteo: "Deixa-os sozinhos, não há esperança para eles e todos sabem." Diz: "São maus e todos sabem. *Vá lá e converta-os.*" Há poucas passagens que demonstram desta maneira o otimismo do evangelista e missionário cristão, que se nega a considerar a ninguém como irremediável. Quanto maior é o mal, maior é o desafio. Os cristãos estão convencidos de que não há nenhum pecado demasiado grande para que a graça de Jesus Cristo o enfrente e o conquiste.

OS PUROS DE CORAÇÃO

Tito 1:13-16

A grande característica da fé judia era suas milhares de normas e regras. Isto, isso e aquilo era marcado e assinalado como impuro; esta, essa e aquela comida eram consideradas tabu; quando o judaísmo e o gnosticismo se uniam, até o corpo chegava a ser impuro, e o casamento e os instintos naturais do corpo eram considerados malignos. O resultado inevitável disto era que se criavam constantemente longas listas de pecados. Era pecado tocar isto ou aquilo; era pecado comer esta ou aquela comida; até chegou a ser pecado casar-se e ter filhos. As coisas

que eram boas em si mesmos ou naturais se convertiam em corruptas e contaminadas. Este tipo de mentalidade simplesmente conseguiu converter coisas inocentes em pecados, porque à medida que se criavam mais normas e regras, mais longa se fazia a lista dos possíveis pecados.

De modo que Paulo lança este grande princípio: para o puro todas as coisas são puras. Já havia dito isto ainda mais definidamente em Romanos 14:20. Àqueles que estavam constantemente envoltos em questões de comidas puras e impuras disse: "Todas as coisas são puras." Poderia ser que a frase não fora só um provérbio; poderia ser que se tratasse de uma afirmação de Jesus. Quando Jesus estava falando a respeito destas inumeráveis normas e regras judias, disse: "Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina" (Marcos 7:15).

A mente interior e o coração do homem são os que fazem a diferença. Se alguém for puro em seu coração, todas as coisas são puras para ele. Se for impuro de coração, faz impuro tudo o que pensa, fala ou toca. Este era sem dúvida um princípio que os grandes clássicos tinham assinalado muitas vezes. Horácio disse: "Se a vasilha não for pura, tudo o que se entorne nela virá a ser amargo." Sêneca disse: "Assim como um estômago doente altera toda a comida que recebe, a mente escura converte tudo o que se possa fazer em sua carga e sua ruína. Aos homens maus não chega nada .que seja bom, não lhes chega nada que em realidade não os danifique. Mudam tudo o que tocam em sua própria natureza. E até coisas que seriam de lucro para outros se convertem em coisas perniciosas para eles." A pessoa que tem uma mente suja faz com que todas as coisas sejam sujas. Pode tomar as coisas mais bonitas e cobri-las de uma impureza indecente. Pode ver brincadeiras sujas onde não as há. Mas o homem cuja mente é pura encontra que todas as coisas são puras. É terrível ter na mente essa lente de sujeira e impureza.

Diz-se que tanto a *mente* como a *consciência* destes homens estão corruptas. A pessoa chega a tomar suas decisões e a formar suas conclusões utilizando duas faculdades. Usa seu *intelecto* para pensar as

coisas; usa sua consciência para escutar a voz de Deus. Mas se seu intelecto está torcido e desviado de tal maneira que vê coisas impuras em todas as partes, e se sua consciência está obscurecida e emudecida por seu consentimento contínuo com o mal, então nunca poderá tomar uma decisão correta.

A pessoa deve manter a couraça branca de sua inocência sem mancha. Se deixar que a impureza infecte sua mente, verá todas as coisas através de uma névoa de sujeira. Sua mente manchará todo pensamento que penetra nela; sua imaginação converterá em paixões baixas tudo o que passa por ela; interpretará mal tudo; dará-lhe um duplo significado a cada afirmação; não poderá ver o mundo exceto através da sujeira de sua própria mente. Para escapar da impureza devemos caminhar sempre na presença de Jesus Cristo que tudo limpa.

A VIDA FEIA E INÚTIL

Tito 1:13-16 (continuação)

Quando uma pessoa chega a este estado de impureza, poderá conhecer a Deus intelectualmente, mas sua vida é uma negação de seu conhecimento de Deus. Três coisas se destacam aqui a respeito de tal pessoa.

(1) É *abominável*. A palavra é *bdeluktos*. É uma palavra que se utiliza particularmente para referir-se aos ídolos e imagens pagãs. É a palavra da qual provém o substantivo *bdelugma*, *abominação*. Há algo repulsivo na pessoa com uma mente curiosa, inquisitiva e obscena, o tipo de pessoa que faz brincadeiras desprezíveis, e que é um mestre em insinuações sugestivas e sujas. Sempre há uma beleza simples e essencial na pura limpeza; e sempre há desgosto perante a presença daquilo que está manchado, sujo e impuro.

(2) É *rebelde*. Tal pessoa não pode obedecer a vontade de Deus. Sua consciência está obscurecida, converteu-se em tal coisa que com muita dificuldade pode ouvir a voz de Deus, e menos ainda obedecê-la.

Fez-se incapaz para toda tarefa. Uma pessoa assim não pode ser nada mais que uma influência perniciosa e maligna, e portanto não está preparado para ser um instrumento na mão e propósito de Deus.

(3) Esta é outra forma de dizer que alguém se converteu num homem inútil para Deus e para seus semelhantes. A palavra que se utiliza para *reprovado* é interessante. É a palavra *adokimos*. Descreve uma moeda falsificada que está abaixo de seu peso. É usada para referir-se a um soldado covarde que reage com covardia na hora de prova da batalha. É usada para referir-se a um postulante que foi rechaçado, uma pessoa que os cidadãos consideraram como inútil e sem valor. Refere-se à pedra que os construtores desprezaram. Se uma pedra tinha uma falha, a assinalava com uma letra A maiúscula, referindo-se a *adokimos*, e era deixada a um lado, como imprestável para ocupar um lugar na construção.

A prova última da vida é a utilidade, e se uma pessoa vive pensando e agindo de maneira impura, não é útil nem para Deus nem para seus semelhantes. Em lugar de ajudar na tarefa de Deus no mundo, estorva-a; e a inutilidade sempre chama o desastre.

Tito 2

O caráter cristão - 2:1-2

O caráter cristão - 2:3-5

O caráter cristão - 2:3-5 (cont.)

O caráter cristão - 2:6

O caráter cristão - 2:7-8

O caráter cristão - 2:9-10

O poder moral da encarnação - 2:11-14

A tríplice tarefa - 2:15

O CARÁTER CRISTÃO**Tito 2:1-2****(1) Os anciãos**

Todo o capítulo trata sobre o que pode chamar-se o *caráter cristão em ação*. Toma as pessoas segundo suas idades e estabelece o que teriam que ser dentro do mundo. Começa com os anciãos.

Devem ser *sóbrios*. A palavra em *nephalios* e significa literalmente *sóbrio* em contraposição a ser *muito indulgente com o vinho*. O fato que se assinala é que quando um homem chegou à maioridade, tem que ter aprendido quais são, e quais não são, os prazeres verdadeiros e reais. Tem que possuir valores corretos, e ser capaz de avaliar seus prazeres segundo a verdade. Os homens adultos já teriam que ter aprendido nessa idade que os prazeres desenfreados custam muito mais do que valem.

Devem ser *sérios*. A palavra é *semnos*, e descreve o comportamento que é solene e austero no sentido correto. Não descreve a conduta da pessoa que é um triste desmancha-razões, mas sim descreve a pessoa que sabe que vive à luz da eternidade, e que em pouco tempo deixará a sociedade dos homens pela de Deus. O homem *semnos* é aquele que vive com a lembrança constante de que "Deus, Tu nos vês".

Devem ser *prudentes*. A palavra é *sophron* e descreve o homem que vive sob controle. Através dos anos os homens adultos devem ter adquirido essa força de vontade que limpa e salva, que aprendeu a governar cada instinto e cada paixão, até ter alcançado o lugar que lhe corresponde e nada mais que isso.

As três palavras, consideradas juntas, significam que o homem adulto deve ter aprendido o que só pode ser chamado a *solenidade de vida*. Durante a juventude pode-se perdoar uma certa instabilidade, de descuido, de negligência, mas os anos trazem sua sabedoria. Uma das coisas mais trágicas da vida é a pessoa que não aprendeu nada através dos anos.

Além disso, há três grandes qualidades em que o ancião deve ser sã.

Deve ser sadio na *fé*. Se uma pessoa vive realmente perto de Cristo, o passo dos anos e todas as experiências da vida, longe de lhe tirar a fé, devem fazê-la ainda mais forte. Os anos devem nos ensinar a confiar mais em Deus, e não menos.

Deve ser sadio no *amor*. Poderia ser que o perigo maior da idade é que a pessoa se converta em censor, crítico e buscador de faltas. Algumas vezes os anos levam a simpatia afável. É tão fatalmente possível que uma pessoa se estabilize tanto em sua forma de ser que chegue um momento para ele que inconscientemente resista todo pensamento e modo novos. Mas os anos deveriam trazer, não uma intolerância crescente, mas sim uma tolerância e uma simpatia em aumento diante dos pontos de vista e os equívocos dos demais.

Deve ser sadio na *paciência*. Os anos deveriam retemperar o homem como o aço, de modo que possa suportar cada vez mais e possa surgir cada vez mais o conquistador sobre a vida. Na natureza das coisas devem ser mais fracos no corpo, porém na natureza divina das coisas devem chegar a ser mais fortes numa fé que possa suportar os golpes da vida, e não fracassar diante das dificuldades.

O CARÁTER CRISTÃO

Tito 2:3-5

(2) As mulheres anciãs

É bem claro que na Igreja primitiva a posição mais honrosa e responsável recaía nas mulheres anciãs da mesma.

E. F. Brown, que foi missionário na Índia, e que conhecia muito a respeito da sociedade anglo-índia dos velhos tempos, relata um fato muito interessante. Um amigo dele que estava com licença na Índia foi perguntado: "O que é o que você lembra com mais carinho da Índia?" E sua resposta surpreendente foi: "As avós." Nos velhos tempos, na Índia,

havia poucas mulheres inglesas anciãs, porque aquelas que tinham trabalhado no governo e administração coloniais quase invariavelmente ao chegar no fim de seus serviços retornavam à Grã-Bretanha enquanto eram ainda bastante jovens; o resultado era que a ausência de mulheres anciãs nessa sociedade era uma falta séria.

E. F. Brown segue dizendo: "As mulheres anciãs têm um papel importante na sociedade; a gente não se dá conta de sua importância, até que é testemunha de uma vida social da qual estão quase ausentes. As avós afáveis e as doces e as caridosas mulheres solteiras adultas são as conselheiras naturais dos jovens de ambos os sexos."

É na verdade certo que a mulher anciã a quem os anos outorgaram serenidade, simpatia e compreensão tem uma função própria que cumprir na vida da Igreja e da comunidade.

Aqui se estabelecem as qualidades que as caracterizam. Seu comportamento deve ser tal que corresponda ao daqueles que estão envoltos nas coisas sagradas. Como se tem dito: "Devem levar na vida cotidiana a conduta de uma sacerdotisa no templo." Como disse Clemente de Alexandria: "O cristão deve viver como se toda a vida fora uma assembléia sagrada." É fácil dar-se conta da paz e a fraternidade que haveria na Igreja, se lembrarmos que em cada reunião de junta diretiva e em cada atividade da Igreja estamos envoltos em coisas sagradas. Muita da discussão, mordaz, da sensibilidade e da intolerância que muito freqüentemente caracterizam estas reuniões desapareceria imediatamente.

Não devem ser caluniadoras. A intriga maliciosa é de uma crueldade desconsiderada. É um rasgo curioso da natureza humana que a maioria das pessoas estão dispostas a repetir e escutar uma história maliciosa mais que uma história que beneficie a alguém. Não é uma má resolução fazer-nos à idéia que não devemos dizer nada a respeito das pessoas quando não temos nada bom que dizer.

A mulher anciã deve ensinar e preparar a mais jovem. Estão aquelas que utilizam sua experiência para desalentar a outras. Algumas vezes

pareceria que o único dom que a experiência dá às pessoas é o dom de jogar água fria sobre os planos e os sonhos dos demais; e que tudo o que aprenderam da experiência é o vasto número de coisas que são impossíveis. É um dever cristão utilizar sempre a experiência para guiar e alentar, e não para acovardar e desalentar.

O CARÁTER CRISTÃO

Tito 2:3-5 (cont.)

(3) As mulheres jovens

As mulheres jovens estão obrigadas a ser devotas a seus maridos e filhos, a ser prudentes e castas, a administrar bem suas casas, a ser amáveis com seus servos, e a ser obedientes a seus maridos. A finalidade desta conduta é que ninguém possa falar mal da palavra de Deus.

Nesta passagem há, coisas temporárias e coisas permanentes.

No mundo grego antigo a mulher respeitável vivia completamente encerrada. Tinha seus próprios aposentos na casa, e raramente os deixava, nem sequer para sentar-se durante as comidas com os homens da família; e a seus aposentos não entrava nenhum homem, salvo seu marido. Nunca ia a assembléias nem a reuniões públicas, raramente aparecia nas ruas, e se o fazia, nunca saía sozinha. Em realidade não havia forma honesta nem honorável em que uma mulher grega pudesse ganhar a vida. Nenhum ofício nem nenhuma profissão estavam abertos a ela; e se tentava ganhar a vida, via-se obrigada a cair na prostituição. Se as mulheres da Igreja primitiva tivessem quebrado todas as barreiras e limitações que os séculos tinham imposto sobre elas, o único resultado teria sido que a Igreja se teria desacreditado e as pessoas teriam dito que o cristianismo corrompia a mulher. A vida que se estabelece aqui parece ser estreita e circunscrita, mas deve ser considerada junto com seu pano de fundo; deve ser compreendida à luz da vida em qualquer grande cidade. Neste sentido esta passagem é temporário.

Mas também tem um sentido permanente. É um fato real que não existe uma tarefa nem uma responsabilidade nem um privilégio maiores que formar um lar. Pode ser que quando as pessoas envoltas nas mil e uma tarefas cansativas em que incorrem devido aos meninos e o lar, digam: "Se só pudesse terminar com isto, para poder viver uma vida verdadeiramente religiosa." Em realidade não há nenhum outro lugar onde se possa viver uma vida religiosa que no lar.

Finalmente, não pode haver uma ocupação mais grandiosa que a de formar um lar. Quantos homens, que foram famosos no mundo, puderam sê-lo simplesmente porque havia alguém no lar que o cuidava, amava-o e o atendia. É imensamente mais importante que a mãe esteja em casa para deitar a seus filhos e escutar suas orações, a que assista a todas as reuniões públicas e da Igreja.

Tem-se dito que a consagração é aquilo que faz com que a tarefa seja divina; e não há outro lugar em que a consagração possa mostrar-se mais necessária e bela que dentro das quatro paredes do lugar que chamamos lar. O mundo pode funcionar sem suas reuniões de juntas diretivas; mas não pode fazê-lo sem lares; e um lar não é tal quando a mulher está ausente dele.

O CARÁTER CRISTÃO

Tito 2:6

(4) Os homens jovens

O dever dos homens mais jovens está resumido numa só oração, mas uma oração fecunda. Pede-lhes que lembrem o dever da prudência.. Como já o vimos, o homem *prudente*, *sophron*, tem essa qualidade mental que mantém a vida a salvo. Tem a segurança que provém de ter as coisas sob controle.

A juventude é necessariamente uma época perigosa.

(1) Na juventude há tentações mais fortes. O sangue é mais quente e as paixões falam com mais poder. A quebra de onda da vida é mais poderosa na juventude e às vezes ameaça, levando o jovem.

(2) Na juventude há mais oportunidades para errar. A pessoa jovem vê-se envolta por companhias através das quais a tentação pode falar com uma voz mais dominante. Muitas vezes os jovens têm que estudar ou trabalhar longe do lar e longe das influências que os manteriam no caminho correto. A pessoa jovem é muito mais individualista que o adulto. Não tem sobre si a responsabilidade de um lar e de uma família; não se deu como objeto à fortuna; e ainda não possui as âncoras que mantêm o adulto no caminho reto por um simples sentido de obrigação. Na juventude há muitas mais oportunidades para arruinar a vida.

(3) Na juventude muitas vezes existe essa confiança que provém da falta de experiência. Em quase todas as esferas a pessoa jovem encarará sua vida com mais falta de apreensão que o adulto, pela simples razão de que ainda não descobriu todas as coisas que podem sair mal. Um jovem, por exemplo, tende a dirigir um automóvel muito mais rápido que um adulto porque ainda não descobriu quão fácil é que ocorra um acidente e quão fraco é o metal com que está fabricado o veículo. Um jovem muitas vezes leva suas responsabilidades com um espírito muito mais descuidado que o adulto, porque não conhece as dificuldades e não experimentou quão facilmente pode naufragar. Ninguém pode comprar a experiência; há algo que só se adquire com os anos.

Há risco e há glória em ser jovem.

Por essa mesma razão, a primeira coisa que toda pessoa jovem deve conseguir é o autodomínio. Ninguém pode servir a outros até que não se tenha dominado a si mesmo. “Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade” (Provérbios 16:32).

O autodomínio, a auto-disciplina e o autocontrole não estão entre as virtudes mais atrativas e românticas, mas sim são a essência do

fundamento da vida. Quando a ansiedade da juventude vê-se reforçada pela solidez do autodomínio há algo grande que entrou na vida.

O CARÁTER CRISTÃO

Tito 2:7-8

(5) O mestre cristão

Para que o ensino de Tito seja efetivo, deverá estar reforçado pelo testemunho de sua própria vida. Ele mesmo deve demonstrar o que ensina. Deve oferecer aos homens, não só um modelo de conduta em palavras, mas também um modelo de conduta vivida.

(1) Deve estar claro que seus motivos sejam absolutamente puros. O mestre e o pregador cristãos enfrentam sempre certas tentações. Sempre existe o perigo da auto-exibição. Sempre existe a tentação de demonstrar a inteligência, o conhecimento e a sabedoria próprias. Sempre existe a tentação de querer atrair a atenção para si mesmo e não para a mensagem de Deus. Sempre existe a tentação do poder. O mestre, o pregador, o pastor, o ministro se vêem sempre rodeados pela tentação de ser ditadores. Devem ser líderes, mas nunca ditadores. Pode-se guiar aos homens, mas nunca arrastá-los. O mestre vê-se sempre rodeado pela tentação de converter sua vocação num ofício. Se houver um perigo que enfrenta ao mestre e ao pregador cristãos mais que nenhum outro, é o de ter uma má noção de seu êxito. Pode ocorrer muitas vezes que a pessoa da qual nunca se escutou falar fora de seu trabalho seja aos olhos de Deus um êxito muito mais velho que aquela cujo nome está em todas as bocas.

(2) Deve ser digno. Ser digno não significa ser indiferente, nem arrogante nem orgulhoso. A dignidade é a consciência de ter a tremenda responsabilidade de ser embaixador de Cristo. Outros poderão cair em pequenezes; ele deve estar acima delas.

Outros podem protestar; ele não deve amargar-se. Outros podem ofender-se, ou ser sensitivos com relação a seu lugar e prestígio; ele deve

ter a humildade que se esqueceu que ocupa um lugar. Outros poderão zangar-se ou arrojar sua ira numa discussão; ele deve ter uma segurança que não possa ser provocada. Não há nada que danifique tanto a causa de Cristo como os líderes da Igreja e os pastores que descem a condutas e palavras que não correspondem a um missionário de Cristo.

(3) Deve ter uma mensagem sadia. O mestre e o pregador cristãos devem estar seguros de que propagam as verdades do evangelho e não suas próprias idéias. Não há nada mais fácil para um pregador e um mestre que ocupar seu tempo em questões secundárias. A pessoa que prega e ensina bem pode ter esta oração como seu pauta: "Deus, dê-me sentido da proporção". As coisas centrais da fé duram ao homem toda a vida. Logo que a pessoa se converte em propagandista de suas próprias idéias ou de outro interesse setorial, cessa de ser um pregador ou um mestre efetivo da palavra de Deus.

O dever que foi confiado a Tito é a tarefa tremenda, não de falar com os homens a respeito de Cristo, mas sim de mostrar Cristo a eles. O maior adulo que se pode outorgar a um mestre é dizer dele: "Primeiro fez, logo ensinou".

O CARÁTER CRISTÃO

Tito 2:9-10

(6) O trabalhador cristão

Na Igreja primitiva o problema do trabalhador cristão era agudo. Era um problema que podia operar em duas direções.

Se o amo era pagão, a responsabilidade do escravo era sem dúvida pesada, porque era só através de sua conduta que o amo poderia chegar a conhecer o que era o cristianismo. A tarefa do trabalhador era mostrar a seu amo como podia ser cristão. Essa responsabilidade até nossos dias descansa no leigo e no operário cristãos. Claramente há muitas pessoas que nunca chegarão voluntariamente à porta da Igreja. A Igreja não pode dizer o que é o cristianismo, porque não pode alcançá-los. O pastor

raramente terá a oportunidade de falar-lhes, porque não estão dispostos a ouvi-lo. Como fará então o cristianismo para entrar em contato com eles? A única forma possível é que os cristãos *mostrem* o que é o cristianismo. A única forma possível de recomendar o cristianismo a estes é mostrar o cristianismo em ação na vida e conduta reais.

Há uma história famosa a respeito de São Francisco. Um dia São Francisco disse a um de seus jovens frades: "Baixemos à vila e preguemos às pessoas". De modo que foram. Pararam para falar com um e com outro. Pediram esmolas de porta em porta. São Francisco começou a brincar com os meninos e intercambiou saudações com os que passavam. Logo voltaram para o convento. O noviço perguntou: "Mas, padre, quando pregaremos?" São Francisco sorriu: "Pregar? Cada passo que damos, cada palavra que pronunciamos, cada ação que levamos a cabo, foi um sermão".

O único sermão possível para aqueles que não se aproximam da Igreja é a vida cristã do trabalhador cristão em sua tarefa cotidiana.

Mas havia outro problema. Se o amo era cristão, então surgia uma nova tentação na vida do trabalhador cristão. Podia tentar negociar com seu cristianismo. Poderia pensar que, por ser cristão, deviam dar-lhe privilégios especiais. Esperaria que a disciplina não fosse tão rígida com ele. Esperaria que muitas coisas seriam passadas por alto, porque tanto seu amo como ele eram membros da Igreja. Consciente ou inconscientemente tentaria fazer com que seu cristianismo fosse uma desculpa para sua ineficácia. É perfeitamente possível que uma pessoa comercialize seu cristianismo, e não há pior publicidade para o cristianismo que uma pessoa que faz isso.

De modo que Paulo dá uma lista das qualidades do trabalhador cristão:

Deve ser *obediente*. O cristão nunca está acima das ordens. Seu cristianismo ensina-o como servir. Deve ser *eficiente*. Deve estar disposto a satisfazer. O trabalhador cristão deve dar sempre o melhor em cada uma das tarefas que realiza, Deve ser *respeitoso*. Não deve pensar

que seu cristianismo lhe dá um direito especial a ser indisciplinado e a responder rudemente. O cristianismo não apaga os limites necessários da autoridade no mundo da indústria, do comércio e do trabalho. Deve ser *honesto*. Outros poderão cair nas pequenas desonestidades que enchem o mundo, mas as mãos do cristão devem estar limpas. Deve ser *fiel*. Seu amo deve poder confiar e depender de sua lealdade e serviço.

Bem poderia ser que a pessoa que pratique seu cristianismo em seu trabalho tenha problemas; mas, se ele se aferrar a isso, finalmente ganhará o respeito de todos.

E. F. Brown nos relata um fato que aconteceu na Índia. "Um servo cristão na Índia foi uma vez enviado por seu amo com uma mensagem verbal que sabia que não era certa. Negou-se a transmiti-la. Embora seu amo se zangou muito nesse momento, respeitou a seu servo muito mais depois e soube que poderia lhe confiar sempre seus problemas."

A verdade é que finalmente o mundo chega a ver que o único trabalhador que vale a pena ter é o trabalhador cristão. Num sentido, é difícil ser cristão em nosso trabalho; em outro sentido, é muito mais fácil do que pensamos, se tratamos, porque não há nenhum amo sob o Sol que não esteja buscando desesperadamente trabalhadores em cuja fidelidade e eficiência possa confiar.

O PODER MORAL DA ENCARNAÇÃO

Tito 2:11-14

Há poucas passagens no Novo Testamento que estabeleçam tão vividamente o poder moral da encarnação como o faz este. Põe o acento no efeito moral da encarnação nos homens, o milagre moral da mudança que Jesus Cristo pode realizar.

Este milagre moral se expressa repetidas vezes aqui numa maneira muito interessante e significativa. Isaías uma vez exortou a seu povo: "Deixem de fazer o mal; aprendam a fazer o bem" (Isaías 1:16-17). Em primeiro lugar, existe o lado negativo da retidão, o deixar de lado o mal,

a libertação do baixo; em segundo lugar, existe o lado positivo da retidão, o logro das grandes e resplandecentes virtudes que caracterizam a vida cristã.

Em primeiro lugar, figura o renunciamento a todo o incorreto e a todos os desejos mundanos. A que se referia Paulo quando falava de desejos mundanos? Crisóstomo diz que as coisas mundanas são aquelas que não vão junto conosco ao céu, mas sim que se dissolvem neste mundo. Certamente que a pessoa será muito curta de vista se entregar todo seu coração e gasta toda sua fortaleza nas coisas que deverá deixar atrás de si quando abandonar este mundo. Se uma pessoa esteve toda sua vida acumulando nada mais que bens materiais, não terá nada que levar com ele quando o mundo terminar. Mas há ainda uma interpretação mais simples do significado desta frase *desejos mundanos*. São coisas que não poderemos mostrar a Deus. A tarefa de Cristo é a de nos limpar dos desejos que nos sentimos envergonhados de mostrar a Deus. Cristo pode fazer com que não só nossa vida exterior seja digna de ser vista por Deus, mas também nosso coração também.

Esse era o lado negativo do poder moral da encarnação.

A seguir figura o lado positivo. Jesus Cristo nos capacita a viver com a *sobriedade* que tem tudo sob um perfeito controle, e que não permite que nenhuma paixão ou desejo ocupe mais do lugar que lhe corresponde; com a *justiça* que nos permite dar tanto a Deus como aos homens o que lhes corresponde; com a *reverência* que nos faz viver atentos perante o fato de que todo mundo não é nada mais nem nada menos que o templo de Deus.

A dinâmica desta nova vida é a expectativa da vinda de Jesus Cristo. Quando se espera uma visita real, limpa-se tudo, decora e acerta para que o olho real o veja. O cristão é uma pessoa que está sempre preparada para receber o Rei dos reis.

Finalmente Paulo resume o que Jesus Cristo fez, e mais uma vez o faz da mesma maneira, primeiro em forma negativa e logo positivamente.

Jesus nos redimiu do poder da iniquidade. Resgatou-nos do poder que nos faz pecar.

Jesus pode nos purificar até que estejamos preparados para ser o povo exclusivamente de Deus. A palavra que se traduziu por *exclusivamente* (*periousios*) é muito interessante. Significa *afastado, reservado para*; e era utilizada especialmente para essa parte dos despojos de uma batalha ou de uma campanha realizada por um rei que este apartava prioritariamente para si mesmo. Através da obra de Jesus Cristo, o cristão é capacitado para ser a possessão própria de Deus; chega a ser o suficientemente bom para pertencer a Deus.

O poder moral da encarnação é um pensamento tremendo. Cristo não só nos libertou do poder e da penalidade do pecado passado; capacitou-nos para viver uma vida perfeita dentro deste mundo de tempo e espaço; e nos pode limpar de tal maneira que possamos chegar a estar preparados nesta vida para ser a propriedade especial do próprio Deus.

A TRÍPLICE TAREFA

Tito 2:15

Paulo aqui assinala sucintamente a Tito a tríplice tarefa de um pregador, um mestre e um dirigente cristão.

É uma tarefa de *proclamação*. Deve-se proclamar uma mensagem. Há coisas sobre as quais não se pode argumentar, e sobre as quais toda discussão seria irrelevante. Há momentos em que o pregador e o mestre devem dizer: "Assim diz o Senhor".

É uma tarefa de *exortação*. Qualquer pregador que reduza a sua audiência a um frio desespero fracassou em sua tarefa. Os pecados devem ser condenados, não para que as pessoas sintam que seu caso é desesperador, senão para que possam ser guiados à graça que está acima de todos os pecados.

É uma tarefa de *repreender*. Os olhos do pecador devem ser abertos ao pecado. A mente do errado deve ser guiada para que veja seu

equivoco. O coração do negligente deve ser tocado para que desperte. A mensagem cristã não é ópio que faz dormir as pessoas; não é a segurança cômoda de que tudo está bem. É em realidade uma luz deslumbrante que mostra aos homens mesmos o que são e a Deus tal como Ele é.

Tito 3

O cidadão cristão - 3:1-2

A dupla dinâmica - 3:3-7

Causa e efeito - 3:3-7 (cont.)

A necessidade da ação e o perigo da discussão - 3:8-11

Saudações finais - 3:12-15

O CIDADÃO CRISTÃO

Tito 3:1-2

Aqui se estabelecem os deveres públicos do cristão; e este era um conselho de particular importância para as pessoas de Creta. Os cretenses eram famosos por turbulentos, brigões e impacientes com toda autoridade. Políbio, o historiador grego, disse a respeito deles que estavam "constantemente envolvidos em insurreições, matanças e guerras destruidoras". Esta passagem estabelece seis qualidades do bom cidadão.

O bom cidadão está *sujeito à lei*. Reconhece que se não se preservarem as leis, a vida se converte num caos. Outorga o respeito correspondente àqueles que têm autoridade, e leva a cabo as ordens que lhe dão. O cristianismo não insiste em que a pessoa deixe de ser um indivíduo, mas sim insiste em que se deve lembrar sempre que o indivíduo forma parte de um grupo. Aristóteles disse: "O homem é um animal político". E isso significa que o homem expressa melhor sua personalidade não na solidão do individualismo mas sim dentro do marco de um grupo. Encontra-se melhor na companhia e no serviço outros.

O bom cidadão é *ativo no serviço*. Está preparado para toda obra, sempre que seja correta. A enfermidade moderna característica é o aborrecimento e o aborrecimento é o resultado direto do egoísmo. Enquanto viva com o princípio de "Por que eu tenho que fazê-lo? Que o faça outro", o homem está condenado a aborrecer-se. O interesse da vida está no serviço.

O bom cidadão *não difama*. Não deve caluniar a ninguém. Ninguém deveria dizer a respeito de outros o que não gostaria que dissessem a respeito de si mesmo. O bom cidadão cuidará tanto as palavras que diga como as coisas que faça.

O bom cidadão não é *altercador*. Não é agressivo. A palavra grega é *amachos*, que significa *não brigão*. Isto não significa que o bom cidadão não defenderá os princípios que crê corretos, mas sim nunca será tão obstinado como para não crer que existem outras propostas corretas além das suas. Permitirá que outros tenham o mesmo direito a sustentar suas convicções como ele as suas.

O bom cidadão é *amável*. A palavra é *epieikes*, que descreve a pessoa que não se atém somente à lei. Aristóteles disse que esta palavra denota "a consideração indulgente para com as fraquezas humanas", ou seja a habilidade de "considerar não só o que diz a lei, mas também a mente e a intenção do legislador". O homem *epieikes* está sempre preparado a moderar a justiça com a misericórdia, e a evitar a injustiça que muitas vezes descansa no fato de ser estritamente justo.

O bom cidadão é *manso*. A palavra é *praus*, que descreve à pessoa cujo temperamento está sempre sob controle. Descreve a pessoa que sabe quando tem que zangar e quando não deve fazê-lo, ao homem que pacientemente suporta os males que lhe têm feito e sempre está cavalheirescamente preparado para ir em ajuda de outros mesmo quando estes lhe têm feito mal ou prejudicado.

Qualidades como estas são só possíveis para o cristão, porque só são possíveis para a pessoa em cujo coração Cristo reina supremo. O bem-estar de qualquer comunidade depende de que os cristãos que há

nela aceitem o dever de demonstrar a todo mundo a nobreza da cidadania cristã.

A DUPLA DINÂMICA

Tito 3:3-7

A dinâmica da vida cristã é dupla:

Provém em primeiro lugar do ser consciente de que estes conversos ao cristianismo não eram melhores que seus semelhantes pagãos. A retidão cristã não faz com que a pessoa se orgulhe; ela o faz sumamente agradecido. Ao olhar a outros, que levam uma vida pagã e herege, não os considera com desprezo nem com arrogante acusação; diz, como disse Whitefield quando via os criminosos ir em seu caminho às galeras: "Aí iria eu se não fosse pela graça de Deus".

Provém de ser conscientes do que Deus tem feito pelos homens em Jesus Cristo. Talvez não haja outra passagem no Novo Testamento que nos descreva de maneira mais resumida, e apesar disto mais completa, a tarefa de Cristo pelos homens. Destacam-se sete fatores principais a respeito da obra redentora de Cristo.

(1) O que Jesus fez por nós foi nos pôr numa nova relação com Deus. Até vir Jesus, Deus era um Rei, perante o qual os homens se apresentavam com temor, um Juiz perante o qual os homens retrocediam com terror, o majestoso Potentado, ao que só podiam considerar com medo. Jesus veio para falar com os homens a respeito de um Pai cujo coração estava aberto e cujas mãos se estendiam com amor. Veio para falar com os homens, não da justiça que os perseguiria para sempre até que os alcançasse, mas sim de um amor que nunca os abandonaria.

(2) Este amor e graça de Deus são dons que nenhum homem pôde ter ganho nem obtido nunca; só podem ser aceitos em confiança perfeita e renovado amor. Deus oferece seu amor aos homens, não pelas ações corretas que realizaram, mas sim simplesmente pela grande misericórdia de seu coração. O cristão nunca pensa no que ganhou; só

pensa no que Deus lhe outorgou. A característica da vida cristã deve ser sempre a gratidão maravilhosa e humilde, e nunca a satisfação própria orgulhosa. Todo o processo deve-se a duas grandes qualidades de Deus.

Deve-se à *bondade de Deus*. A palavra é *crestotes*, que significa *benignidade*. Refere-se a esse espírito tão bondoso que sempre está preparado e desejoso de dar tudo o que seja necessário. Está preparado para perdoar e abençoar, se é requerido. *Crestotes* é a bondade que abrange tudo, que gera não só um sentimento quente, mas também numa ação generosa em todo momento.

Deve-se ao *amor de Deus pelos homens*. A palavra é *filanthropía*, que se define como o amor ao homem como homem. Os gregos disseram muito a respeito desta bela palavra. Utilizavam-na para referir-se à bondade do homem para com seus iguais, às graças do bom rei para com seus súditos, à piedade ativa do homem generoso para com aqueles que estavam em qualquer tipo de problema ou de angústia, e especialmente para a compaixão que fazia com que uma pessoa redimisse a um semelhante quando tinha caído em cativeiro.

Atrás de tudo isto não há nada que seja mérito humano; atrás de tudo isto está a misericórdia benigna e o amor universal pela humanidade que existem no coração de Deus.

(3) Este amor e esta graça de Deus são mediadas aos homens através da Igreja. Chegam ao homem através do sacramento do batismo. Isto não quer dizer que não possam provir de outra maneira. Deus não está confinado a seus sacramentos; mas a porta à graça está sempre aberta através da Igreja. Quando pensamos no batismo tal como se celebra nos primeiros dias da Igreja, devemos lembrar sempre que tratava-se em sua maioria de batismos de adultos que provinham diretamente do paganismo e ingressavam na Igreja. Batizar-se era deixar deliberadamente uma forma de vida para entrar em outra, num novo caminho. Quando Paulo escreve às pessoas de Corinto, diz: “Mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados” (1 Coríntios 6:11, TB). Na Carta aos Efésios diz que Jesus Cristo tomou à Igreja

“para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra” (Efésios 5:26). No batismo chegava aos homens o poder limpador e recriativo de Deus.

Com relação a isto Paulo utiliza duas palavras.

Fala de *regeneração* (*palingenesia*). Esta é uma palavra com muitas vinculações. Quando se recebia um prosélito na fé judia, depois de ter sido batizado, era tratado como se fosse um menino pequeno. Era como se tivesse nascido de novo e a vida teria começado novamente para ele. Os pitagóricos utilizavam a palavra com freqüência. Criam na reencarnação; criam que os homens voltavam para a vida várias vezes em muitas maneiras, até que estavam preparados para ser sacados dela. Cada retorno era um novo nascimento. Os estóicos utilizavam a palavra. Os estóicos criam que cada três mil anos o mundo sofria um grande incêndio, e logo havia um renascimento universal. Quando as pessoas aceitavam as religiões de mistérios dizia-se que "tinham renascido para a eternidade". O fato é que quando uma pessoa aceita a Cristo como Senhor e Salvador a vida começa novamente. Há algo novo nessa vida que só pode comparar-se a um novo nascimento.

Fala de *renovação*. É como se a vida se gastou e se arruinou e ao descobrir a Cristo há um ato de renovação que não começa e termina num mesmo momento, mas sim que se repete dia a dia.

CAUSA E EFEITO

Tito 3:3-7 (continuação)

(4) A graça e o amor de Deus são mediados aos homens dentro da Igreja, mas o poder essencial atrás de tudo isto é o poder do Espírito Santo. Toda a tarefa da Igreja, todas as suas palavras, todos os seus sacramentos são fracos e inoperantes a não ser que esteja neles o poder do Espírito Santo. Não importa quão altamente organizada esteja a Igreja, nem quão esplêndidas sejam suas cerimônias, nem quão formosos seus edifícios, nem quão elaborado seu ritual, já que tudo será ineficaz

sem o poder do Espírito. Quanto mais lemos a respeito do Novo Testamento, mais chegamos à conclusão de que para os cristãos da Igreja primitiva, o Espírito e o Cristo Ressuscitado eram um e o mesmo. A lição é clara. O reavivamento da Igreja não provém de uma crescente eficácia em sua organização; vem de esperar em Deus. Não é que a eficiência não seja necessária; é necessária. Mas ela não poderá dar vida a um corpo que tenha sido abandonado pelo Espírito.

(5) O efeito de tudo isto é tríplice. Traz perdão para os pecados passados. Em sua misericórdia Deus não utiliza nossos pecados contra nós. Podemos ser pecadores, mas somos pecadores perdoados.

Uma vez um homem se estava queixando tristemente a Santo Agostinho por seus pecados. Santo Agostinho lhe disse: "Homem, deixa de olhar seus pecados e olhe a Deus". Não é que a pessoa não deva, através de toda sua vida, mostrar tristeza e arrependimento por seus pecados; mas a própria lembrança deles o leva a maravilhar-se diante da misericórdia de Deus que perdoa.

(6) Mas o efeito de tudo isto também é a vida presente. O cristianismo não confina seu oferecimento às bênçãos que virão. Oferece ao homem aqui e agora uma vida de uma qualidade que nunca conheceu com antecedência. Quando Cristo entra na vida de uma pessoa, pela primeira ela vez começa a viver realmente.

(7) E por último, entra na vida a esperança de coisas ainda maiores. O cristão é uma pessoa que vive na esperança; é uma pessoa para quem o melhor ainda está por vir; sabe que, não importa quão maravilhosa seja a vida na terra com Cristo, porque a vida por vir será ainda mais grandiosa. O cristão é a pessoa que conhece a maravilha do perdão do pecado passado, a emoção da vida presente vivida com Cristo e a esperança de uma vida por vir ainda mais grandiosa.

A NECESSIDADE DA AÇÃO E O PERIGO DA DISCUSSÃO**Tito 3:8-11**

Esta passagem acentua a necessidade da ação cristã e o perigo de certo tipo de discussão.

A palavra traduzida por *ocupar-se* em boas obras é a palavra *proistasthai*, que significa literalmente *estar de pé frente a*, e é usada para referir-se ao dono de uma tenda que fica de pé na frente de seu negócio, anunciando as mercadorias que tem. A frase pode significar qualquer destas duas coisas. Pode ser um mandato aos cristãos para que só se envolvam em negócios respeitáveis e úteis. Havia certas profissões nas que para a Igreja primitiva eram incompatíveis com uma profissão de fé cristã. O mais provável é que a frase deva interpretar-se em seu sentido mais amplo de que um cristão deve praticar boas obras que ajudem e sejam úteis aos homens.

A segunda parte desta passagem adverte contra as discussões inúteis. Os filósofos gregos passavam grande parte de seu tempo discutindo problemas sutis. Os rabinos judeus passavam seu tempo construindo genealogias imaginárias e exemplares dos personagens do Antigo Testamento. Os escribas passavam intermináveis horas discutindo o que se podia fazer e que *não se* podia fazer no sábado, e quais coisas eram impuras e quais não. Tem-se dito que existe o perigo de que a pessoa se crê religiosa porque discute questões religiosas. Há grupos de discussão que discutem simplesmente pelo prazer de fazê-lo. Há grupos que discutem sem nunca acabar questões teológicas. É muito mais fácil discutir teologia que ser amável, considerado e ajudar no lar; ou eficiente, diligente e honesto no trabalho. Não há nenhuma virtude no fato de sentar-se a discutir profundas questões religiosas quando as simples tarefas da vida cristã esperam para serem realizadas. Sem dúvida é certo que este tipo de discussão não pode ser nada mais que uma evasão dos deveres cristãos.

Paulo está seguro de que a verdadeira tarefa do cristão é a ação cristã. Isto de maneira nenhuma significa que não haja lugar para as discussões; mas sim quer dizer que a discussão que não finaliza na ação foi uma grande perda de tempo.

O conselho de Paulo é que se evite as pessoas litigiosas e discutidoras. Em grego é *hairetikos*. O verbo grego *hairein* significa *escolher*; e a palavra grega *hairesis* significa partido, uma escola ou seita. Originalmente a palavra não tinha nenhum significado mau. Uma *hairesis* não era uma heresia; era simplesmente um partido ao qual uma pessoa desejava pertencer. O significado negativo aparece quando uma pessoa erige sua opinião privada contra todo ensino, acordo e tradição da Igreja. Um herege é simplesmente uma pessoa que decidiu que está no certo e que todos outros estão equivocados. A advertência de Paulo dirige-se contra as pessoas que têm feito de suas próprias idéias a prova e a medida de toda a verdade. Os cristãos deveriam ser muito cuidadosos com as opiniões que os separam da comunhão dos crentes. A verdadeira fé não divide os homens; une-os.

SAUDAÇÕES FINAIS

Tito 3:12-15

Como sempre Paulo finaliza sua Carta com mensagens e saudações pessoais. Não sabemos nada a respeito de Ártemas. Tíquico era um dos mensageiros nos quais Paulo mais confiava. Tinha levado as Cartas aos colossenses e aos efésios (Colossenses 4:7; Efésios 6:21). Nicópolis estava no Epiro, e era o melhor centro de trabalho da província romana da Dalmácia. É interessante lembrar que ali Epicteto, o grande filósofo estóico, teve seu escola anos mais tarde.

Apolo era um mestre bem conhecido (Atos 18:24). Não sabemos nada a respeito do Zenas. Nesta passagem o chamava *nomikos*. Isto pode significar duas coisas. *Nomikos* é a palavra comum para referir-se a um *escriba*, e Zenas poderia ter sido um rabino judeu converso. Também era

a palavra grega comum para referir-se a um *advogado*; e se esse é o significado, Zenas tem a distinção de ser o único advogado que se menciona no Novo Testamento.

O último conselho de Paulo é que os cristãos trabalhem, para que sejam independentes e estejam capacitados para ajudar a outros em necessidade. O trabalhador cristão trabalha não só para ter suficiente para si mesmo mas também para ter algo para dar.

De modo que logo vêm as saudações finais; e como em todas as Cartas, a última palavra de Paulo é *graça*.